



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

ELLEN SILVA DE OLIVEIRA

HOMOSSEXUALIDADE E NEGRITUDE EM CONTEXTO
DITATORIAL: UMA ANÁLISE DE DJALMA DO ALEGRETE E DO
LAMPIÃO DA ESQUINA

Brasília, fevereiro de 2020



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

ELLEN SILVA DE OLIVEIRA

HOMOSSEXUALIDADE E NEGRITUDE EM CONTEXTO
DITATORIAL: UMA ANÁLISE DE DJALMA DO ALEGRETE E DO
LAMPIÃO DA ESQUINA

ORIENTADORA: PROFA. DRA. ANA FLÁVIA MAGALHÃES PINTO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciado/bacharel em História.

BRASÍLIA, 2020

**HOMOSSEXUALIDADE E NEGRITUDE EM CONTEXTO
DITATORIAL: UMA ANÁLISE DE DJALMA DO ALEGRETE E DO
*LAMPIÃO DA ESQUINA***

Banca Examinadora

Profa. Dra. Ana Flávia Magalhães Pinto – PPGHIS/UnB
(Orientadora)

Prof. Me. Alexandre Magno Maciel Costa e Brito – SEE-DF e UnB
(Membro)

Profa. Ma. Maíra de Deus Brito –UnB
(Membra)

Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes
Elas são coadjuvantes, não, melhor, figurantes,
que nem devia 'tá aqui
Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes
Tanta dor rouba nossa voz, sabe o que resta de nóiz?
Alvos passeando por aí
Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes
Se isso é sobre vivência, me resumir a
sobrevivência
É roubar o pouco de bom que vivi
Por fim, permita que eu fale, não as minhas
cicatrizes
Achar que essas mazelas me definem, é o pior dos
crimes
É dar o troféu pro nosso algoz e fazer nóiz sumir

Emicida, AmaElo (2019)

Dedico esse trabalho às pessoas de periferia que ocupam espaços em universidades e que, mesmo com todas as dificuldades que perpassam o financeiro, a locomoção e até o perigo da volta para casa, lutam para não sucumbirem dentro desses espaços elitistas que por muito nos foram negados. Sigamos!

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primordialmente, à minha mãe, Sonia Maria Silva, que me presenteou com o poder de fazer qualquer coisa. Ao meu pai, Sebastião Francisco Gomes de Oliveira, por todo suporte dado durante esses anos de graduação.

Aos meus amigos de vida e caminhada, Lucas Alves de Souza, Yasmim Thaynara, Thiago Rafael, Thaynara Espíndola, Thaís de Andrade e Danilo de Lima, por deixarem a vida mais leve.

Aos amigos que fiz na graduação e que vou levar para a vida, Joabe Vieira e Fernanda Brito, por todo suporte emocional e trocas dentro e fora da universidade.

À minha orientadora Ana Flávia Magalhães por todo apoio, incentivo e paciência. Não sei dimensionar a minha admiração.

A todas as mulheres da minha família que, quando penso em desistir, lembro quão grandiosa e forte é a existência de todas.

Por fim, à Universidade de Brasília, por todo amadurecimento e descobertas proporcionadas.

RESUMO

Tendo em vista o silenciamento de pessoas negras LGBT e do escasso estudo desses na historiografia, este trabalho de conclusão de curso objetiva contribuir neste sentido a partir da análise dos registros sobre indivíduos negros encontrados no jornal *Lampião da Esquina*, bem como com um diálogo acerca da trajetória do artista plástico Djalma do Alegrete, homem negro e homossexual, cuja parte das experiências de vida é compartilhada no *Lampião* numa entrevista, publicada em 1979. Com o advento de um emergente movimento LGBT em contexto ditatorial, pretendemos resgatar histórias encontradas no jornal alternativo para que possamos compreender a intersecção entre homossexualidade e negritude. Por meio do *Lampião da Esquina* e Djalma, serão observados os processos e experiências de negros interseccionadas à sexualidade.

Palavras-Chave: Interseccionalidade, Masculinidades, Homossexualidade, Homens Negros.

ABSTRACT

In view of the silencing of black LGBT people and their scant study in the historiography, this final paper aims to contribute in this sense from the analysis of records about black individuals found in the newspaper called *Lampião da Esquina*, as well as with a dialogue about the trajectory of the artist Djalma do Alegrete, a black and homosexual man, whose part of life experiences is shared at Lampião in a interview, published in 1979. With the advent of an emerging LGBT movement in dictatorial context, we intend to rescue stories found in the alternative newspaper so that we can understand the intersection between homosexuality and blackness. Through the Lampião da Esquina and Djalma, will be observed black processes and experiences intersected with sexuality.

Keywords: Intersectionality, masculinities, homosexuality, Black men.

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| INTRODUÇÃO | 1 |
| CAPÍTULO 1 – A CONSTRUÇÃO DE MASCULINIDADES NEGRAS LGBT | 7 |
| 1.1 A construção do masculino e a produção de violências simbólicas | 7 |
| 1.2 Intersecção de raça, sexualidade e gênero | 11 |
| CAPÍTULO 2 – LGBTs NEGROS NO JORNAL <i>LAMPIÃO DA ESQUINA</i> : UMA TENTATIVA DE REPRESENTAÇÃO (1978- 1981) | 17 |
| 2.1 A importância de periódicos para a historiografia e a influência social da imprensa alternativa em contexto ditatorial | 17 |
| 2.2 O lugar do <i>Lampião da Esquina</i> na mídia alternativa | 20 |
| 2.3 Representação dos negros no <i>Lampião da Esquina</i> | 23 |
| CAPÍTULO III – DJALMA DO ALEGRETE E INTERSECÇÕES À NEGRITUDE | 36 |
| 3.1 Trajetórias de Djalma | 36 |
| 3.2 Djalma: A trajetória individual como reconstituição de narrativas coletivas | 41 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 46 |
| FONTES | 48 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 50 |

INTRODUÇÃO

Compreendendo a necessidade de se ampliar a análise das experiências racializadas nos estudos LGBT¹ e diante do silenciamento historiográfico acerca dessas dimensões da vida em sociedade, intencionamos dialogar sobre as intersecções entre raça e sexualidade a partir de um importante documento deixado pelo emergente movimento homossexual brasileiro na virada para os anos 1980: o jornal da imprensa alternativa *Lampião da Esquina*. A partir de análise de entrevistas, artigos no *Lampião*, observaremos como os segmentos negros foram representados no jornal que tinha por objetivo levar conteúdo emancipatório a grupos politicamente minoritários. Para melhor compreensão de interseccionalidade de raça e sexualidade, também analisaremos a trajetória do artista plástico Djalma do Alegrete, homem negro e homossexual, que marcou presença no *Lampião* ao compartilhar parte de suas vivências.

Durante a década de 1950, o debate acerca de sexualidade e conformidade de gênero vinha sendo levantado no exterior, e alguns segmentos sociais brasileiros foram influenciados pelos emergentes discursos. Contudo, tais debates coincidiram com o fechamento político brasileiro, que ocorreu durante a década de 1960, impossibilitando a criação de frentes políticas LGBT, levando ao caminho inverso: violência estatal e permissividade de práticas e violações de direitos humanos, que foram justificados pela ameaça à moral e bons costumes. A amplitude das violências destinadas a pessoas LGBT não foi de todo documentada devido às censuras e ao impedimento de organização desses grupos, que só passaram a monitorar as violações de direitos humanos durante os anos de 1980².

Com o advento do golpe militar, em 1964, vários veículos populares saíram de circulação. Isso resultou no surgimento de jornais alternativos de vários tipos, que intencionavam escapar da censura e autocensura por meio da fundação de pequenos periódicos de tiragem irregular. Esses jornais tinham como objetivo denunciar violações de direitos humanos e criticar o governo vigente, contrastando assim com a grande imprensa conivente da época³.

1 Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros.

2 *Comissão Nacional da Verdade. Relatório: eixos temáticos*. Brasília, CNV, volume 2, 2014. p. 301

3 COELHO, Andréa. *Imprensa alternativa—Apogeu, queda e novos caminhos*. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro: Secretaria Especial de Comunicação Social, 2005. p. 5.

Além disso, ao analisar o estado do Rio de Janeiro, Thula Pires⁴ fala das dificuldades em pensar nas violências resultantes do golpe militar em contrastes com as violências usuais que antecederiam a ditadura. Thula, contudo, evidencia o fato de que a violência e violações de direitos humanos voltados a pessoas negras se intensificaram:

A realidade de negros e negras era, em regra, permeada por “blitz”, prisões arbitrárias, invasões a domicílio, expropriação de lugares de moradia (remoções), torturas físicas e psicológicas, além do convívio com a ameaça latente dos grupos de extermínio. Uma política criminal enraizada no colonialismo escravocrata, radicada principalmente nas favelas, subúrbio, Baixada Fluminense e outras regiões periféricas do Estado⁵.

Feito por uma equipe formada em sua maioria por homossexuais brancos, o *Lampião da Esquina* surgiu nesse contexto e irrompeu em plena ditadura militar durante os anos de “abertura política”, em abril de 1978 com sede no Rio de Janeiro, no intuito de questionar a moral vigente. O jornal era voltado também para homossexuais e buscava discutir o tema da homossexualidade de forma abrangente. Foi uma importante ferramenta que ajudou a expor e denunciar as violações de direitos humanos não apenas referentes a LGBTfobia, como também às violências de gênero, classe social e raça. Assim, procuramos histórias e representações de pessoas negras, pois como o *Lampião* representava a militância homossexual da época, é necessário reconhecer as histórias contadas ali e analisar a maneira como eram expostas para que seja possível entender como pessoas negras e suas questões eram tratadas dentro desses movimentos, espaços e veículos de comunicação social.

Diante da quantidade de informações disponível nas edições do periódico, o primeiro procedimento metodológico foi mapear histórias e representações de pessoas negras. Como o *Lampião* representava a militância homossexual da época, seria importante dimensionar o espaço ocupado pelas histórias contadas ali e analisar a maneira como foram contadas para que pudéssemos entender como pessoas negras e suas questões eram tratadas. Em termos gerais, encontramos diversas matérias sobre artistas negros e suas pautas, divulgação de LPs, shows e projetos, publicação de denúncias de racismo, extermínio e violência policial, uma extensa entrevista com Abdias Nascimento⁶, várias matérias escritas por Rubem Confete⁷

4 Doutora em direito pela PUC- Rio, 2013.

5 PIRES, Thula Rafaela de Oliveira. *Estruturas intocadas: Racismo e ditadura no Rio de Janeiro*. Revista Direito e Práxis, v. 9, n. 2, p. 1063, 2018.

6 Foi um poeta, ator, escritor, dramaturgo, artista plástico, professor universitário, político e ativista dos direitos civis e humanos das populações negras brasileiro.

7 Jornalista, compositor, cantor, teatrólogo, radialista e militante estudioso das questões afro-brasileiras.

sobre vivências e cultura negra e ainda um artigo escrito por Lélia Gonzalez⁸ a respeito das vivências de mulheres negras no Brasil.

Consideramos relevante pensar na construção da imagem de homens negros gays que se encontram deslocados no movimento gay por serem negros, e no movimento negro por serem gays. Para tanto, o debate escolhido a ser levantado foi a questão de interseccionalidades de raça e sexualidade. A partir da ideia de dominação masculina, pensamos questões que envolvem a subalternização de homens fora do padrão branco, hetero, cis⁹ e de classe alta.

Quando homens não reproduzem o padrão de virilidade tóxica socialmente construída, acabam ocupando uma posição de não-submissão ao gênero e dão lugar a um novo tipo de homem, mas são punidos por fazê-lo, sendo logo associados a mulheres e à homossexualidade, e são simbolicamente excluídos do grupo dos homens¹⁰. A partir dessa ideia podemos pensar na dominação de homens sobre outros homens.

Quando reconhecemos que as masculinidades não se manifestam da mesma forma para todos os homens, reconhecemos a não universalidade desta, e podemos pensar as distintas formas de opressões derivadas da masculinidade que não afetam só as mulheres, mas também àqueles que não detém os privilégios hegemônicos do masculino, compondo até o núcleo de vítimas desse sistema. Assim, podemos falar em masculinidades hegemônicas e subalternizadas, que é um fenômeno que atravessa classe, raça e identidade de gênero. Quando esses e outros atravessamentos são interseccionados, testemunhamos novas diferenças, vulnerabilidades e opressões. Um dos resultados encontrados a partir dessa posição subalternizada está nos preocupantes índices de violência e abusos físicos. Outro sintoma é a dissociação entre corpo e mente de homens negros, que são vistos como úteis para trabalhos braçais e como um corpo a serviço do branco, ainda por vezes hipersexualizados¹¹.

Ao pensar em sujeitos que fogem do padrão branco, hétero, cis e de classe alta, podemos concluir que a subalternidade se dá a partir do contrário: negros, homossexuais e pobres. Cada uma dessas dimensões assume uma posição política que os oprime. Mas e quando elas convergem? A partir daqui trabalharemos com o conceito de interseccionalidade, que, tal como argumenta Patricia Hill Collins, nos ajuda a entender como fatores como gênero, classe social, raça e sexualidade são complexos fenômenos que, quando interligados,

8 Foi uma ativista intelectual negra, política, professora e antropóloga brasileira.

9 O termo cis é usado para referenciar as pessoas que se identificam com o gênero de nascença.

10 WELZER-LANG, Daniel. *A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia*. *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis, v. 9, no 2, 2001. p. 468.

11 PINHO, Osmundo. *Qual é a identidade do homem negro*. *Democracia viva*, v. 22, p. 64-69, 2004.

produzem distintas desigualdades sociais¹². Ou seja, não é efetivo pensar cada uma dessas opressões de forma unitária, sobretudo porque elas constantemente convergem.

Osmundo Pinho, ao pensar no cruzamento entre negritude e homossexualidade, reforça que as intersecções não dão resultado somatório na formação de um sujeito, mas sim produzem novas diferenças. Por exemplo, um homem negro e gay não aglomera duas identidades, mas assume outra posição que é produzida através dessa interação:

Ideologias de identidade são, vamos dizer assim, construções que estão presentes e que nos obrigam de algum modo a assumi-las ou arrebatá-las, ou contestá-las, ou negociá-las. O processo dessa contestação, ou assimilação, codifica os processos de construção de sujeitos raciais e sujeitos sexuais. Sujeitos de raça e gênero que são produzidos, fabricados, que não são pré-existentes, que não caíram do céu, mas que são frutos da história, das lutas e dessas relações complexas entre agentes sociais, discursos e instituições. É o trabalho de práticas discursivas e discursos como a medicalização, a clínica, etc. - eu não vou repetir Foucault aqui pra vocês-, que produz esses sujeitos. Então, práticas de subalternização, de submissão, de controle, produzem sujeitos subalternos. Mas esses sujeitos, é importante perceber isso, também são sujeitos de contestação, de subversão e de insubmissão que constroem contra-hegemonias¹³.

Edward MacRae, ao pensar nas questões acerca dos emergentes movimentos LGBTQ+ e movimentos negros, trata das dificuldades no relacionamento entre as duas causas. É notório os conflitos surgidos quando um sujeito possui múltiplos vetores identitários, pois se encontra a mercê de violências que não poderão ser abarcadas na totalidade por nenhum dos lados, enquanto pensarem cada um de forma unitária¹⁴. Ainda há grandes dificuldades em pensar as opressões como geradoras de novos tipos de sujeitos e marginalizações, pois é fácil cair em armadilhas de se pensar as questões de forma unitária, tratando uma por vez. A pouca representação e levantamento de pautas levam a violências que transpassam o campo simbólico, pois negligenciam a vida e vivências daqueles que as carregam, resultando muitas vezes em solidão, abandono, precarização da saúde que, combinados à raça, dão lugar a novas formas de extermínio.

As interseccionalidades, como segunda escolha metodológica, nos levou ao diálogo sobre a trajetória de um indivíduo que foi abordada em uma entrevista no *Lampião*. Trata-se de Djalma dos Santos, mais conhecido como Djalma do Alegrete. A entrevista com Djalma é

12 COLLINS, Patricia Hill. *Intersectionality's definitional dilemmas*. Annual review of sociology, v. 41, p. 2, 2015.

13 PINHO, Osmundo. *A guerra dos mundos homossexuais—resistência e contra-hegemonias de raça e gênero. Homossexualidade: produção cultural, cidadania e saúde*, p. 129, 2004.

14 MACRAE, Edward. *A construção da igualdade: identidade sexual e política no Brasil da abertura*. In: *A construção da igualdade: identidade sexual e política no Brasil da abertura*. 1990. p. 100.

encontrada na décima edição do jornal, em 1979, quando ele tinha 47 anos, e foi descrito pelos seguintes atributos: “gaúcho de Alegrete, tchê, cidade que ele pretende immortalizar em sua autobiografia em processo, artista plástico, travesti, showperson, ex ovelha negra da família, A.A., filho de Xangô, com a cabeça feita por mãe Sara de Iansã (de Porto Alegre) e atual feliz residente da Vila Kennedy (Rio)”¹⁵. A Vila Kennedy é um bairro localizado na Zona Oeste às margens da Avenida Brasil e, hoje, é considerado um dos bairros mais perigosos do Rio de Janeiro.

Por meio da figura de Djalma buscaremos dimensionar, a partir de dados empíricos, problematizações feitas nos termos da interseccionalidade: um homem negro, gay, artista, que não performava¹⁶ a masculinidade vigente, brincando com múltiplas variações de gênero e que ainda produzia arte coberta por signos afro-brasileiros. Djalma foi um não conformista e ativista da valorização e resistência da cultura negra. Ao ter espaços negados, criou novos, remetendo-nos ao que Fanon argumenta como a recusa da aceitação dos lugares que lhes são postos. Essa reação se dá como forma de viver e sobreviver: “Serão desalienados pretos e brancos que se recusarão enclausurar-se na Torre substancializada do Passado. Por outro lado, para muitos outros pretos, a desalienação nascerá da recusa em aceitar a atualidade como definitiva”¹⁷.

De todo modo, valorizamos sua trajetória combativa, mas não esqueçamos dos danos causados por uma sociedade que marginaliza pessoas como ele. Apesar de vir de uma família que pôde incentivá-lo a estudar, como o fez, Djalma, por vezes, viveu situações parecidas com uma outra figura que encontramos no *Lampião*: Monica Valeria, uma travesti negra à época com 33 anos, que mudou de Minas Gerais para o Rio de Janeiro devido a preconceitos sofridos em sua cidade natal que resultaram em falta de oportunidades profissionais. Monica trabalhava como empregada doméstica, mas diz que fez a vida nas calçadas, onde se travestia. Durante entrevista ao *Lampião*, ela fala de seus gostos e sonhos, e denuncia as violências policiais, desumanização, abusos e extermínio de pessoas como ela¹⁸. O abandono sofrido por nossos dois personagens reais pode ser colocado em interface, ainda que fossem amparados por diferentes contextos. O racismo e fatores que se interseccionam a ele não veem classe social e nem prestígio.

15 *Lampião da Esquina*, n. 10, março de 1979, p. 8.

16 Durante este trabalho o termo “performar” tem como parâmetro a definição de Judith Butler ao entender a leitura de gênero como uma performance. Um dos veículos para se entender a teoria se encontra em: Butler, Judith. 2011. “Your Behavior Creates Your Gender”. Big think. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Bo7o2LYATDc>> Acesso em 02 de fev. de 2020.

17 FANON, Frantz. *Pele negra, Máscaras brancas*. Trad. Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

18 *Lampião da Esquina*, n. 7, dezembro de 1978. p. 10.

Assim, pensando nas experiências encontradas no *Lampião da Esquina* por entrevistas e pela forma que o jornal, que se dizia emancipatório, tratava as questões relacionadas a segmentos negros, analisaremos a perspectiva do emergente movimento homossexual frente a questões relacionadas à negritude para que possamos compreender questões concernentes a negritude e homossexualidade. Ainda, como forma de intersecção, observaremos a trajetória de Djalma a fim de compreender de forma mais efetiva as faces das interseccionalidades que permeiam questões relacionadas a raça.

Para tanto, o primeiro capítulo intenciona discutir a construção das masculinidades vigentes e como isso desdobra no surgimento de masculinidades subalternizadas e hegemônicas, principalmente num país em que a desigualdade racial estrutura a sociedade. Sendo assim, é de grande importância não cair em armadilhas de se pensar masculinidades como universais, pois as dissidências geram diversos tipos de violências que se configuram até, em seu extremo, em extermínio. Além disso, as confluências que surgem a partir da racialidade serão pautadas, pois atingem diretamente nosso foco: questões surgidas a partir de intersecções entre negritude e sexualidade.

O segundo capítulo é um exercício de análise de entrevistas e pautas de segmentos negros encontrados no *Lampião da Esquina*. O esforço em observar as formas com que esses segmentos foram representados no jornal surge da necessidade em compreender interações de movimentos homossexuais emergentes com o antirracismo inseridos dentro do contexto de acirradas violências estruturais.

Por fim, o terceiro capítulo é um exercício de ampliação de reconhecimento da história de Djalma do Alegrete, homem negro e homossexual que lutou para não sucumbir a um sistema que violava suas diversas expressões identitárias. A partir de suas experiências, tentaremos compreender as facetas que assumem a confluência entre raça e homossexualidade.

CAPÍTULO 1 – A CONSTRUÇÃO DE MASCULINIDADES NEGRAS LGBT

1.1 A construção do masculino e a produção de violências simbólicas

Pierre Bourdieu, em sua obra *A dominação masculina*, toma como referência as sociedades europeias e estadunidense, tradicionalmente androcêntricas, na intenção de abordar questões das dicotomias entre feminino e masculino, destacando violências simbólicas de subalternidade das mulheres. Tais aspectos do patriarcado também são observados no contexto brasileiro, na medida em que o mesmo campo simbólico de violências é percebido aqui. O homem representa o imaginário da virilidade, enquanto as mulheres seguem em direção contrária, frávolas. Ele trata a questão da divisão dos sexos como algo naturalizado socialmente, pois os papéis determinados a homens e mulheres são vistos como algo orgânico. Ao falar da neutralidade do gênero masculino, Bourdieu aborda a questão do feminino ter que ser marcado/justificado: “A força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificação: a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem a legitimá-la”¹⁹.

O estudo de Bourdieu acerca da dominação masculina é uma ferramenta que nos ajuda a compreender e questionar a ordem “natural” das coisas. As violências simbólicas são sutis e, por vezes, mecanizadas e, para que possa haver mudança, precisam ser questionadas. Ao falar que o gênero masculino é tratado como neutro e que o feminino, para ser reconhecido, precisa ser explicitado, Bourdieu exemplifica um dos traços da violência simbólica. Trazendo a mesma analogia para sociedades que tiveram povos colonizados, podemos usá-la para exemplificar a subalternidade de um povo em detrimento de outro. Assim, as masculinidades não são estáticas e universais dentro do patriarcado, pois assim como é costumeiro a evidenciação do gênero quando se trata de uma mulher, também é costumeiro a evidenciação da raça quando se trata de pessoas negras, pois a branca, assim como o homem, é considerada uma raça neutra.

Bourdieu fala, ainda, que as mulheres são levadas ao sentimento de inferioridade, pois assim são ensinadas, porém, há casos de insubmissão, resultado do que ele chama de “luta cognitiva”:

Quando os dominados aplicam àquilo que os domina esquemas que são produto da dominação ou, em outros termos, quando seus pensamentos e

19 BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. 11a ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012, p.18.

suas percepções estão estruturados de conformidade com as estruturas mesmas da relação da dominação que lhes é imposta, seus atos de conhecimento são, inevitavelmente, atos de reconhecimento, de submissão. Porém, por mais exata que seja a correspondência entre as realidades, ou os processos do mundo natural, e os princípios de visão e de divisão que lhes são aplicados, há sempre lugar para uma luta cognitiva a propósito do sentido das coisas do mundo e particularmente das realidades sexuais. A indeterminação parcial de certos objetos autoriza, de fato, interpretações antagônicas, oferecendo aos dominados uma possibilidade de resistência contra o efeito de imposição simbólica²⁰.

Mais uma vez, podemos nos remeter às percepções da mentalidade do colonizado, pois a estrutura de dominação também lhes é imposta no campo simbólico. Fanon, ao falar do negro colonizado, também traz a discussão acerca do complexo de inferioridade que surge a partir da interiorização da subalternidade, pois a sociedade não escapa à influência humana²¹.

Não há aqui pretensão de comparar trajetórias de mulheres, em relação ao machismo, com a de pessoas negras, com o racismo, pois as origens dessas violências são distintas. A intenção é trazer análises das violências entre dominador e dominado. “Os dominados aplicam categorias construídas do ponto de vista dos dominantes às relações de dominação, fazendo-as assim ser vistas como naturais. O que pode levar a uma espécie de autodepreciação ou até de autodesprezo sistemáticos”²².

Sociólogo francês e especialista em questões acerca de identidade masculina, Welzer-Lang definiu como “a casa dos homens” os lugares e espaços aos quais meninos se desenvolvem e aprendem o que é necessário para serem verdadeiros homens; é a socialização masculina. Essas associações seguem lugares opostos ao que é entendido como feminino²³. Esse ponto é também abordado por Bourdieu, que liga a questão da homofobia à dominação masculina, pois vem do imaginário de que a pior humilhação para um homem é estar na posição de mulheres. Aqui fica explícita a questão do falocentrismo que torna a penetração um grande símbolo da autoridade masculina:

Compreende-se que, sob esse ponto de vista, que liga sexualidade a poder, a pior humilhação, para um homem, consiste em ser transformado em mulher. E poderíamos lembrar aqui os testemunhos de homens a quem torturas foram deliberadamente infringidas no sentido de feminilizá-los, sobretudo pela humilhação sexual, com deboches a respeito de sua virilidade, acusações de homossexualidade ou, simplesmente, a necessidade de se conduzir com eles como se fossem mulheres²⁴.

20 Ibidem, p. 22.

21 FANON, Frantz. *Pele negra, Máscaras brancas*. Trad. Renato da Silveira: EDUFBA, 2008, p. 28.

22 BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. 11a ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012, p.46.

23 WELZER-LANG, Daniel. *A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia*.

Revista Estudos Feministas. Florianópolis, v. 9, no 2, 2001. p. 462

24 BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. 11a ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012, p. 32.

Welzer-Lang parte do mesmo pressuposto e afirma que os homens que abertamente não aceitam a performance do gênero são “excluídos” do grupo dos homens e são jogados na categoria de “dominados”, pois a associação do que consideram como um gênero superior ao feminino seria um grande pecado passível da maior punição: ser tratado como tal.

De fato, o duplo paradigma naturalista que define, por um lado, a superioridade masculina sobre as mulheres e, por outro lado, normatiza o que deve ser a sexualidade masculina produz uma norma política androheterocentrada e homofóbica que nos diz o que deve ser o verdadeiro homem, o homem normal. Este homem viril na apresentação pessoal e em suas práticas, logo não afeminado, ativo, dominante, pode aspirar a privilégios do gênero. Os outros, aqueles que se distinguem por uma razão ou outra, por sua aparência, ou seus gostos sexuais por homens, representam uma forma de não-submissão ao gênero, à normatividade heterossexual, à doxa de sexo e são simbolicamente excluídos do grupo dos homens, por pertencerem aos “outros”, ao grupo dos dominados/as que compreende mulheres, crianças e qualquer pessoa que não seja um homem normal²⁵.

Sendo assim, àqueles homens que se desvinculam dos signos de masculinidades heterossexista dão lugar a um outro tipo de homem, e acabam sendo punidos pela recusa da disseminação da performance tóxica da virilidade sobre as mulheres; e é a partir de violências de origem machista que a homofobia se localiza e se faz presente nessas sociedades. Isso por certo nos leva a pensar para além da dominação masculina sobre as mulheres, pois também envolve homens x homens, já que também há uma questão de dominação entre sujeitos diferenciados.

As masculinidades não são iguais para todos os homens, mas há um de seus aspectos, arrisco dizer, que é universal (em diferentes graus) em sociedades patriarcais: o campo dos afetos. BellHooks²⁶ aborda as consequências de gerações de homens que sofreram com a pressão de serem homens. Homens esses que foram ensinados a não demonstrar nunca sentimentos, pois só a raiva lhes era legitimada. Quando o sentir lhes é negado as consequências caem nas mãos de todos à volta: das mulheres que se casam com homens raivosos que não sabem expressar suas emoções e muitas vezes resulta não só em violência emocional, mas física. Dos filhos, que são criados sem conhecer o amor paterno de forma crua, pois muitas vezes a figura do pai é encarada apenas como uma provedora. E dos próprios homens que sofrem por não saberem o que fazer com seus próprios sentimentos, pois

25 WELZER-LANG, Daniel. *A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia*. Revista Estudos Feministas. Florianópolis, v. 9, no 2, 2001. p. 468.

26 Teórica feminista, artista e ativista social estadunidense.

foram impedidos de sentir. Hooks, ao descrever o que alguns homens à sua volta respondem quando falam de sentimentos e de amor é que “tem alguma coisa faltando aqui dentro”²⁷.

No caso de homens que não têm os privilégios de uma sociedade baseada no patriarcado e no capitalismo (homens negros e pobres, por exemplo) são os mais prejudicados não só em questões estruturais e simbólicas, mas também em questões internas. Hooks traz a perspectiva de seus lares, onde sua família é punida como forma de descontar a falta do suposto poderio que estes deveriam possuir socialmente, pois são os únicos aos quais eles podem realmente ter algum controle. Esses homens sofrem, pois mal sabem nomear seus sentimentos e desabafar os traumas por terem sido criados para suprimir seus medos, angústias e amor²⁸.

Se homens ousam compartilhar suas dores e angústias, muitas vezes são compensados com olhares constringedores, quando não são humilhados e apontados por tropeçar onde deveria estar a tão cobrada virilidade. bellhooks percebe que a dificuldade das mulheres em escutar os homens parte da recusa em aceitar que aqueles cuja função é de protetor, tenha fragilidades. O processo de cura parte da compreensão da necessidade de escuta. A quebra do silêncio a partir do acolhimento os ajudará a compreender suas dores, e os ajudará a aprender a sentir.

Novamente, é extremamente necessário reconhecer que as masculinidades não funcionam da mesma forma para todos os homens, pois universalizar o problema é ignorar as diferentes formas em que as opressões operam não só entre as mulheres, mas também os homens que não detêm os privilégios hegemônicos onde a questão do masculino pode até ser um fardo ao qual também podem ser vítimas. Assim, as masculinidades são construídas em dois campos simultâneos: a relação de homens com mulheres – em que uma das resultantes é a desigualdade de gênero com suas diversas violências simbólicas – e a relação de homens com outros homens. Para que seja possível falar sobre masculinidades, é essencial a posicionarmos, pois ela não é estática, constante e universal; e nem sua posição no que diz respeito ao patriarcalismo vale a todos os homens.

A partir daqui podemos falar em masculinidades hegemônicas e subalternizadas. Isso se dá quando analisamos os contextos dos distintos sujeitos, que são atravessados por classe, raça e identidade de gênero. Quando esses e outros atravessamentos são interseccionados, remetem a múltiplos tipos de sujeitos, produzindo assim novas diferenças, opressões e

27 HOOKS, Bell. *The will to change: Men, masculinity, and love*. New York: Atria Books, 2004, p. 25.

28 Ibidem, p. 106.

vulnerabilidades. Portanto, o homem hegemônico seria o branco, heterossexual e classe média, enquanto o subalternizado iria em posição contrária: negros, pobres, homossexuais.

Um dos sintomas encontrados a partir dessa posição subalternizada está nos alarmantes índices de violência e abusos físicos. Outra resultante é a dissociação entre corpo e mente de homens negros, que são vistos como úteis para trabalhos braçais e como um corpo a serviço do branco, ainda por vezes hipersexualizados²⁹. Assim, a relação entre hegemonia e subalternidade não pode ser naturalizada.

1.2 Intersecção de raça, sexualidade e gênero

Estudos contemporâneos acerca de interseccionalidades possuem fortes ligações com movimentos de feministas negras estadunidenses das décadas de 1960 e 1970. Segundo Patricia Hill Collins, na década de 1970, o volume *A mulher negra*³⁰ editado pela ativista Toni Cade Bambara, embora tenha sido uma obra negligenciada e pouco reconhecida, foi um dos trabalhos pioneiros em questões acerca de interseccionalidades entre raça, gênero e classe foram abordadas³¹.

Depois, pela década de 1980, um pequeno coletivo de mulheres afro-estadunidenses localizado em Boston, chamado Combahee River, publicou *Uma declaração feminista negra*³², um manifesto que continha uma declaração sobre o quadro de políticas do feminismo negro. Essa declaração tinha como argumento que uma perspectiva que pensasse apenas a raça ou apenas o gênero resultaria em análises incompletas e insatisfatórias da injustiça social que permeia a vida de mulheres afro-estadunidenses, pois diversas questões identitárias moldavam e moldam a experiência de mulheres negras³³.

Collins, ao abordar as dificuldades em conceituar as interseccionalidades, começa com a definição consensual entre muitos autores: A interseccionalidade é quando pensamos que idade, raça, gênero, classe social e sexualidade não são fenômenos a serem pensados de forma unitária, mas como complexas interligações que formam desigualdades sociais³⁴. A autora traz a construção para se pensar raça, como comparativo, que também é pensada a partir de

29 PINHO, Os mundo. *Qual é a identidade do homem negro*. Democracia viva, v. 22, p. 64-69, 2004.

30 The black woman.

31 COLLINS, Patricia Hill. *Se perdeu na tradução? Feminismo negro, interseccionalidade e política emancipatória*. Parágrafo, v. 5, n. 1, p. 6-17, 2017.

32 *A black feminist statement*.

33 Ibidem, p. 8.

34 COLLINS, Patricia Hill. *Intersectionality's definitional dilemmas*. Annual review of sociology, v. 41, p. 2, 2015.

dois fatores: a estrutura social e as representações sociais. Assim, esses dois fatores estão interligados, ainda que ajam separadamente em diferentes situações. A interseccionalidade funciona da mesma forma, mas há grandes dificuldades de se pensar, na prática, onde os fatores unitários convergem. Ao falar da intelectual afro-estadunidense June Jordan, Collins relembra o então recente aparecimento do termo interseccionalidade, e em como Jordan combateu e refutou o pensamento de mulheres que não aceitavam a interseccionalidade para focar somente nas questões de raça. Para Jordan, somente ao pensar nas interseccionalidades que viria a verdadeira emancipação³⁵.

Kimberlé Williams Crenshaw, por sua vez, é uma intelectual conhecida por ter cunhado o termo interseccionalidade no artigo “*Mapeando as margens: Interseccionalidade, identidades políticas e violência contra mulheres de cor*”³⁶, durante a década de 1990³⁷. Crenshaw, ao pensar nas questões de violências que cercam mulheres negras, concluiu que havia uma falha nas representatividades de movimentos sociais que tensionavam entre pensar a respeito das questões de mulheres, e pensar em questões de raça, pois quando as violências não são vistas de forma ampla, interseccionadas, mulheres negras continuariam a ter suas questões negligenciadas, pois as demandas não poderiam ser supridas enquanto questões que as envolvessem fossem pensadas e tratadas separadamente³⁸.

Crenshaw exemplifica a dificuldade de abarcar um problema tratando distintamente duas violências que se cruzam: Uma mulher imigrante que sofre violência doméstica pelo marido e se cala frente a ameaça de ser deportada e que, muitas vezes levada pela falta de acesso à informação, acredita em falsos argumentos³⁹. Percebe-se que não se pode pensar nesse tipo de situação como duas fatalidades não correspondentes, pois as violências interagem entre si.

Como já dissemos, Edward MacRae, ao pensar nas questões acerca de movimentos LGBT e movimentos negros, fala da dificuldade no relacionamento entre as duas causas. MacRae conclui que brancos homossexuais até se davam razoavelmente bem com militantes heterossexuais do movimento negro, mas que eram frequentes as brigas destes com militantes

35 COLLINS, Patricia Hill. *Se perdeu na tradução? Feminismo negro, interseccionalidade e política emancipatória*. Parágrafo, v. 5, n. 1, p. 7, 2017.

36 Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence against Women of Color.

37 COLLINS, Patricia Hill. *Se perdeu na tradução? Feminismo negro, interseccionalidade e política emancipatória*. Parágrafo, v. 5, n. 1, p. 10, 2017.

38 CRENSHAW, Kimberle. *Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence against Women of Color* (1994). p. 1, 2005.

39 Ibidem, p. 3.

negros homossexuais⁴⁰. Assim, vemos que a falta de compreensão de todos os lados desses sujeitos que carregam múltiplas identidades estigmatizadas também forma um tipo de violência simbólica.

Tal como abordaremos mediante exemplos empíricos nos próximos capítulos, os tensionamentos de gênero fazem com que os espaços e sujeitos dos movimentos negros não estejam livres de LGBTfobia, assim como diversos movimentos que não conseguem abarcar interseccionalidades e enfrentem prontamente o racismo, o classismo e outras opressões. Como argumenta Osmundo Pinho:

Também é importante a gente pensar como o movimento social negro acabou por produzir um certo masculinismo negro como a pré-suposição de uma identidade negra que é masculina, que exclui a mulher, que exclui o homossexual. Do mesmo modo também que as comunidades gays, homossexuais, produziram uma determinada brancura ou a branquidade gay como a norma estética. E mais, um lugar de poder, uma posição de sujeito branco, que é determinante para as interações sexuais e para o gerenciamento do desejo nos mundos homossexuais. O José Esteban Muñoz chama atenção para o fato de que a gente não pode cair no erro de imaginar ou implicar protocolos monocausais para a discriminação. A discriminação tem causas e raízes complexas nas diversas esferas da experiência social. Essas precisam ser tomadas em consideração se queremos promover uma emancipação efetiva, que só pode ser efetiva se contemplar as diferenças em suas combinações diversas. Quer dizer, reconhecer e enfrentar a diversidade e a pluralidade, me parece que é algo muito importante, que é um ganho real para o movimento social e para a reflexão teórica⁴¹.

Ao falar que sujeitos subalternizados também são sujeitos de contestação, insubmissão e subversão, Pinho questiona o lugar determinado pelo poder hegemônico. Contesta ainda a passividade, pois essas pessoas são muito mais que suas opressões. São seres criativos que, a partir do lugar que lhes são negados, criam novos espaços. A partir de histórias dessa gente negra e subversiva que não se encaixava na heteronormatividade podemos ver exemplos de um segmento populacional que não abaixa a cabeça para uma sociedade racista e LGBTfóbica. Osmundo também defende a ideia de que os sujeitos não são a soma de opressões, mas que um novo sujeito é criado a partir delas. Assim, conclui-se que é muito mais complexo falar de pessoas dentro de interseccionalidades, pois não dá para separar e tratar um assunto por vez.

O homem teoricamente teria a vantagem de gênero numa sociedade patriarcal, porém, quando se reconhece a racialidade dessa realidade, podemos ver que essa não é uma premissa tão simples, pois o homem negro carrega a desvantagem de ser visto pela sociedade como um

40 MACRAE, Edward. *A construção da igualdade: identidade sexual e política no Brasil da abertura*. In: *A construção da igualdade: identidade sexual e política no Brasil da abertura*. 1990. p. 100.

41 PINHO, Osmundo. *A guerra dos mundos homossexuais—resistência e contra-hegemonias de raça e gênero. Homossexualidade: produção cultural, cidadania e saúde*, p. 129 e 130, 2004.

ser perigoso, carregado de estereótipos que o apontam como violento. Essa imagética leva a práticas efetivas de marginalização e exclusão. Podemos perceber, aqui, que o homem também é um produto das estruturas de gênero e as masculinidades possuem diversas facetas e particularidades quando posicionamos o contexto social. Isso não significa que ela seja imutável, como bem explica, mais uma vez, Osmundo Pinho:

quando se fala de hegemonia e subalternidade, fala-se de processos dinâmicos de construção e reconstrução de hegemonias ou de consensos parciais sobre o sentido das relações sociais, seus significados e práticas instituintes. Ou seja, hegemônicos e subalternos não estão definidos essencialmente, mas sim como sujeitos políticos engajados em jogos de poder e dominação que ocorrem em contextos sociais estruturados, porém abertos à inovação⁴².

Quando pensamos em processos dinâmicos para a construção e a reconstrução de identidades políticas, podemos perceber que, como a masculinidade não é estática, os sujeitos tendem a assumir papéis diferentes em contextos sociais variados. Ou seja, um mesmo sujeito pode assumir uma identidade hegemônica e subalternizada dependendo da situação em que está envolvido, e isso vai perpassar por contextos de raça, classe, gênero e sexualidade.

A imagem do homem negro foi construída a partir do corpo: um corpo feito para o trabalho, feito para subserviência, onde o intelecto não entra na equação. Além do trabalho braçal, o corpo do homem negro foi historicamente hipersexualizado, como explica Osmundo:

Antes de tudo, o homem negro é representado como um corpo negro, o seu próprio corpo. Paradoxalmente, esse corpo é configurado de forma alienada, como se fosse separado da autoconsciência do negro. O corpo negro é outro corpo, lógica e historicamente deslocado de seu centro. Como suporte ativo para a identidade, é o lugar de uma batalha pela reapropriação de si do negro como uma reinvenção do self negro e de seu lugar na história. Uma reapropriação do corpo como plataforma ou base política revolucionária. Ora, essa base é contraditória porque tem sido definida pelas discursividades racializantes ou puramente racistas que justamente aprisionam o negro na “geografia da pele e da cor”. Ser negro é ser o corpo negro, que emergiu simbolicamente na história como o corpo para o outro, o branco dominante. Assim, o corpo negro masculino é fundamentalmente corpo-para-o-trabalho e corpo sexuado. Está, desse modo, decomposto ou fragmentado em partes: a pele; as marcas corporais da raça (cabelo, feições, odores); os músculos ou força física; o sexo, genitalizado dimorficamente como o pênis, símbolo falocrático do plus de sensualidade que o negro representaria e que, ironicamente, significa sua recondução ao reino dos fetiches animados pelo olhar branco⁴³.

42 PINHO, Osmundo. *Qual é a identidade do homem negro. Democracia viva*, v. 22, p. 65, 2004.

43 Ibidem, p. 67.

Não é demais reforçar que essas leituras sociais do corpo do homem negro se aplicam ao meio LGBT. Assim, fica nítido que o poder hegemônico assume diversas facetas: um homem gay branco, por mais que esteja em condição de subalternidade frente a um homem branco heterossexual, ainda assume vantagens sociais frente a um homem negro gay. Ou seja, também podemos falar em hegemonias homossexuais, e o reconhecimento dessa premissa é o primeiro passo para o enfrentamento.

Krenshaw, ao pensar na violência policial contra homens negros e a violência contra mulheres negras, reflete a falta de molduras necessárias para reter as violências contra essas mulheres, pois são esquecidas e negligenciadas pela falta de uma política que pense nas particularidades dessas violências que abarcam raça e gênero. Contextualizando para que seja possível trazer a reflexão para o nosso objeto de pesquisa, também faltam moldes para se pensar a amplitude de questões que cercam homens negros homossexuais, pois as violências que remetem a identidades subjulgadas que deveriam ser pensadas do modo que são, convergentes, são tratadas distintamente de modo a marginalizar e negligenciar suas vivências e vidas. As consequências de não se pensar na amplitude que cerca as violências, segundo Crenshaw, resultam na falta de atenção midiática, legislativa e política⁴⁴.

Para que possamos compreender melhor as violências que atingem diretamente homens negros, peguemos um exemplo atual: o caso da AIDS. A infecção do vírus de imunodeficiência humana, HIV, não tem cura, mas possui efetivo tratamento que o impede de avançar para a AIDS, que é um estágio progressivo do vírus. O médico sanitário Artur Ralichman, ao refletir essa questão na cidade de São Paulo, fala que o vírus e a questão da raça estão intrinsecamente ligados, pois os casos de AIDS estão caindo drasticamente entre gays brancos, mas continuam subindo entre os gays pretos e pardos, embora a infecção do HIV entre gays brancos continue subindo. Conclui-se que esses gays brancos infectados possuem mais acesso ao teste e ao tratamento para não evoluírem para AIDS⁴⁵. Ralichman constata que ainda são dados pouco trabalhados e divulgados, e isso é um traço efetivo da falta de urgência e atenção às interseccionalidades entre raça e sexualidade.

Trabalharemos ainda com a inserção de pessoas negras LGBT no cenário da emergente militância homossexual no Brasil que trabalhava com questões emancipatórias, para que possamos pensar em como essas presenças eram inseridas e trabalhadas dentro desses movimentos.

44 *A urgência da interseccionalidade*. Kimberlé Krenshaw: TEDWomen, 2016. Disponível em: <https://www.ted.com/talks/kimberle_crenshaw_the_urgency_of_intersectionality?language=pt#t-1035612> Acesso em: 01 de fev 2020.

45 *Carta para além dos muros*. Direção: André Canto. Brasil, 2019.

CAPÍTULO 2 – LGBTs NEGROS NO JORNAL *LAMPIÃO DA ESQUINA*: UMA TENTATIVA DE REPRESENTAÇÃO (1978- 1981)

2.1 A importância de periódicos para a historiografia e a influência social da imprensa alternativa em contexto ditatorial

Diversos trabalhos importantes para a construção da historiografia brasileira nasceram com o uso de periódicos como fonte, porém, até a década de 1970, historiadores mantinham um olhar bastante resistente e inseguro no que diz respeito a periódicos impressos, por não considerarem esse tipo de fonte muito digna de credibilidade. A partir de supracitada década, esse olhar foi alternado e, então, houve uma crescente expansão do uso da imprensa na abordagem sobre diferentes objetos de pesquisa⁴⁶. A desconfiança em relação à fonte de imprensa pode ser explicada, segundo a historiadora Maria Helena Rolim, pela compulsão dos historiadores na chamada busca pela verdade⁴⁷.

Com o advento da Escola dos Annales, em 1930, a forma de se pensar a historiografia foi modificada e o uso de variados tipos de documentos passaram a ser considerados fontes históricas. Todavia o jornal, como parte dessa validação, não obteve reconhecimento imediato. Os historiadores brasileiros mantinham posturas paradoxais a respeito da imprensa como fonte histórica: por um lado, havia os que não consideravam uma fonte fidedigna perante a verdade e, por outro, os que tomavam essas fontes por verdade absoluta. A historiografia brasileira passa a mudar sua relação com periódicos como documentos-fonte apenas na terceira geração dos Annales, sob a influência da história cultural⁴⁸. Mas não se limitou a essa área da historiografia.

Esse olhar limitado sobre os periódicos foi superado pelo esforço em se repensar a construção da história, juntamente com suas dificuldades e objetivos, levando em consideração suas pluralidades, diversidades e fazendo uso de análises críticas dos documentos⁴⁹. Após a reversão de valores do uso da imprensa como fonte, um crescente

46 LAPUENTE, Rafael Saraiva. *O jornal impresso como fonte de pesquisas: delineamentos metodológicos*. In: 10o Encontro da Rede Alfredo de Carvalho (ALCAR), Porto Alegre. 10o Encontro Nacional de História da Mídia (ALCAR), 2015. p. 1

47 CAPELATO, Maria Helena Rolim apud LAPUENTE, ibidem, p. 2.

48 Ibidem, p. 3.

49 LAPUENTE, Rafael Saraiva, Ibidem, p. 3

número de trabalhos passou a utilizá-la como meio de pesquisa, porém, o uso indiscriminado, sem fundamento teórico ou metodológico pode comprometer a pesquisa histórica. Assim, é importante fazer a leitura do jornal se atentando, também, para seu tempo histórico, pois dessa forma o historiador terá noção geral do contexto sobre o qual pesquisa⁵⁰.

A imprensa, ainda, ocupa lugar de importância durante regimes autoritários, pois ela pode cumprir a função de endossar as práticas exercidas (não se pode minimizar o poder de persuasão governamental por meio de favores estatais) ou, por outro lado, pode servir como ferramenta de resistência. Ambas as formas a farão sentir o peso de suas escolhas com possíveis censuras posteriores.

Um dos discursos proferidos pelos militares durante a ditadura (1964-1985) foi a necessidade de haver “pacificação” da sociedade civil. Para chegar na tal paz social pregada pelos militares foram tomadas diversas medidas: fechamento dos partidos políticos, cassação dos mandatos de líderes e representantes políticos, enfraquecimento do congresso, dissolução de ligas camponesas e guerrilhas urbanas, torturas, desaparecimentos – tudo em nome do combate ao comunismo e à corrupção que, segundo os novos detentores do poder, ameaçavam o país⁵¹.

Para controle do que se chegava à população, foi criada uma lei de imprensa, a Lei n. 5.250, de 9 de fevereiro de 1967, que vigorou por 42 anos. Tal lei foi promulgada pelo presidente Castelo Branco e abrangeu não só os periódicos, como também a radiodifusão. A lei entrou em vigor em março de 1967, porém não era a única reguladora dos meios de comunicação, pois junto a ela também legislavam inúmeros dispositivos constitucionais, atos institucionais e até mesmo a Lei de Segurança Nacional, a Lei n. 6.620, de 17 de dezembro de 1978.

O AI- 5, de 13 de dezembro de 1968, causou grande impacto na legislação de imprensa ao conferir poderes para a imposição de censuras prévias aos meios de comunicação para o presidente – com a única prerrogativa de que seria em defesa do regime. Assim, durante os anos que se seguiram todos os meios de comunicação foram severa e duramente censurados.

Com os últimos anos de vigor do AI- 5, a censura vinha sendo reduzida oficialmente e, em relação a grande imprensa, se extinguiu em 1975. Contudo, baseada em ato institucional, só veio a ser definitivamente extinta em 1978, por meio de revogação via emenda institucional proposta pelo presidente Ernesto Geisel e admitida pelo Congresso. Apesar

50 ELMIR, Cláudio Pereira apud LAPUENTE, *ibidem*, p. 4.

51 GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos Alfredo. *Lugar de negro*. Editora Marco Zero, 1982, p. 11.

disso, a imprensa ainda estava sujeita à interferência da Lei de Segurança Nacional, que definia alguns crimes de imprensa e atribuía ao ministro da Justiça a responsabilidade de confiscar impressos, vedar sua impressão e proibir a distribuição caso contivessem conteúdos capazes de ferir a segurança nacional. Essa lei só veio a ser suspensa em 14 de dezembro de 1983⁵².

Após o golpe civil-militar, diversos veículos populares saíram de circulação e, então, durante as décadas de 1960 e 1970, surgiram mais de 150 jornais alternativos de vários tipos com o intuito de denunciar violações de direitos humanos e criticar o governo vigente. Isso serviu para contrapor a grande imprensa conivente da época⁵³. Assim, assistiu-se à emergência de uma onda de “imprensa alternativa”, também chamada de “imprensa nanica”. Com o intuito de escapar da censura e autocensura, alguns jornalistas resolveram fundar pequenos jornais de tiragem irregular.

Por força da censura e da repressão, nenhum dos periódicos alternativos que surgiu na década de 1970 sobreviveu intacto, com sua forma original, ao governo autoritário contra o qual lutou. Com a abertura democrática, os grandes veículos de imprensa passaram a abordar temas antes exclusivos dos alternativos, e essa foi uma das grandes questões que contribuíram para a extinção da imprensa nanica – além de erros internos de administração, dissidências, etc. Outro fato contributivo foi a série de explosões ocorridas em 1980 que atingiram principalmente as bancas que vendiam os jornais alternativos, por possuírem conteúdos considerados subversivos. Tais bancas, receosas, passaram a recusar as distribuições⁵⁴.

Por mais que tenha havido extinção de periódicos alternativos, esse tipo de imprensa não desapareceu por completo e, hoje, tenta encontrar diferentes caminhos para continuar existindo⁵⁵.

Um dos periódicos surgidos nesse contexto de mídias alternativas com o intuito de questionar a moral vigente, foi o *Lampião da Esquina*. Tendo sua primeira publicação em abril de 1978, o jornal era voltado para homossexuais e buscava discutir o tema da homossexualidade em todo seu contexto social.

2.2 O lugar do *Lampião da Esquina* na mídia alternativa

52 COSTELLA, Antonio. Lei de Imprensa. Disponível em

<<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/lei-de-imprensa>>

53 COELHO, Andréa. *Imprensa alternativa—Apogeu, queda e novos caminhos*. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro: Secretaria Especial de Comunicação Social, 2005. p. 5.

54 COELHO, Andréa. *Imprensa alternativa—Apogeu, queda e novos caminhos*. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro: Secretaria Especial de Comunicação Social, 2005. p. 23 e 24.

55 Ibidem, p. 26.

As lutas que vinham ocorrendo no exterior no início da segunda metade do século XX pela aceitação de pessoas dissidentes de gênero e sexualidade respingaram no Brasil, trazendo uma maior aceitação social por essas pessoas, ainda que não de forma generalizada, mas em alguns grupos específicos. Contudo, esse fenômeno social coincidiu com o fechamento político, impossibilitando a criação de frentes políticas LGBT por direitos, e acabou criando uma tendência em sentido inverso: a violência estatal e permissividade sistêmica de práticas e violações de direitos humanos contra pessoas LGBT.

Devido a censuras e impedimentos de segmentos LGBT de se organizarem, as violências a essas pessoas não foram documentadas e escancaradas durante a década de 1960 e começo da de 1970. Grupos LGBT só passaram a monitorar as violações durante o decênio seguinte. Contudo, em razão da falta de divulgação e documentação ainda é difícil ter total noção da dimensão das violências praticadas, ainda mais se levarmos em conta o fato de não ter havido uma política de Estado formalizada contra pessoas LGBT.

Questões de sexualidade e gênero não chegaram a ser motivo de repressão política legalizada, mas havia uma ideologia que ligava essas pessoas à subversão, levando à associação de suas imagens à ideia de risco à moral e aos bons costumes, tornando-as, portanto, uma ameaça à segurança nacional. Esse argumento foi usado para que se materializassem perseguições a segmentos LGBT, além de que, segundo o Relatório da Comissão Nacional da Verdade, os militares achavam que a crescente afirmação da homossexualidade e de grupos LGBT favorecia a “ameaça” comunista⁵⁶. E isso explica a perseguição à imprensa e a jornais como *Lampião da Esquina*.

O *Lampião*, em seu primeiro número, traz um bom exemplo de censura a LGBT ao emitir uma nota a respeito de um colunista do jornal *Última Hora*, de São Paulo, que foi demitido em novembro de 1977 por escrever sobre homossexualidade. Celso Curi, além de ser demitido, foi indiciado no Art. 17 da Lei de Imprensa por “ofender a moral e bons costumes”⁵⁷. A questão de demissões por conta da homossexualidade foi bem explícita em outros casos. Um exemplo marcante aconteceu em 1969 quando sete diplomatas foram demitidos do Itamaraty sob a alegação de “prática de homossexualismo, incontinência pública escandalosa”⁵⁸.

56 Comissão Nacional da Verdade. *Relatório: eixos temáticos*. Brasília, CNV, volume 2, 2014. p. 301.

57 *Lampião da Esquina*, n. 00, abril de 1978, p. 6.

58 Comissão Nacional da Verdade. *Relatório: eixos temáticos*. Brasília, CNV, volume 2, 2014. p. 303.

A censura da imprensa serviu para reforçar e legitimar ainda mais tais perseguições, sob a alegação de que não seriam permitidas publicações que ferissem a instituição da família, proibindo assim qualquer conteúdo que fosse assim entendido. A censura baseada em Ato Inconstitucional foi extinta em 1978, após proposta feita pelo presidente Ernesto Geisel. Os ares da abertura política já podiam ser sentidos, embora a imprensa ainda estivesse submetida à Lei de Segurança Nacional, como indica um trecho de abertura no lançamento do *Lampião*:

Brasil, março de 1978. Ventos favoráveis sopram rumo de uma certa liberação do quadro nacional: em um ano eleitoral, a imprensa noticia promessas de um Executivo menos rígido, fala-se na criação de novos partidos, de anistia; uma investigação das alternativas propostas faz até com que se fareje uma “abertura” do discurso brasileiro⁵⁹.

O *Lampião da Esquina* surgiu no contexto de emergência de vários outros jornais da imprensa alternativa. O jornal era voltado para homossexuais e buscava discutir o tema da homossexualidade em todo seu contexto social. O movimento LGBT demorou a conseguir se organizar devido a repressão e censura, sendo assim, como já abordado antes, há carência de documentações que comprovem muitas das violências ocorridas. Mesmo assim, o *Lampião* foi uma das importantes ferramentas que ajudou a expor e denunciar as violações de direitos humanos de pessoas LGBT.

A Edição Zero do *Lampião da Esquina* anuncia os objetivos do jornal: não apenas falar de opressões a pessoas homossexuais, mas também abrir espaço para esses que foram estigmatizados pelos valores de uma sociedade segregacionista, mostrando que suas questões vão muito além de estereótipos, pois são pessoas multifacetadas que também contribuem fortemente em diversas questões sociais. Em suas palavras: “Falando da discriminação, do medo, dos interditos ou do silêncio, vamos também soltar a fala da sexualidade no que ela tem de positivo e criador, tentar apontá-la para questões que desembocam todas nesta realidade muito concreta: a vida de (possivelmente) milhões de pessoas”⁶⁰. Nesse sentido, o *Lampião* tinha ainda como propósito abordar discussões relacionadas às mulheres, negros e indígenas, por também serem grupos minoritários no que diz respeito à representatividade.

De acordo com Edward MacRae, o início do *Lampião* se deu em 1977, quando o editor do *Gay Sunshine*, jornal estadunidense, veio ao Brasil na intenção de juntar material que pudesse contribuir com contos homossexuais latino-americanos que estava produzindo. Essa visita acabou reunindo o grupo de jornalistas e intelectuais homossexuais que

59 *Lampião da Esquina*, n. 00, abril de 1978, p. 2.

60 Idem.

futuramente fundariam o *Lampião* na intenção de discutir políticas da homossexualidade⁶¹. Após várias reuniões com os idealizadores, a teoria foi para a prática e a edição número zero veio a público em abril de 1978.

As duas primeiras edições puderam ser realizadas graças a doações e cada periódico contava com 20 páginas e as tiragens que, de início, contavam com 10 mil exemplares, logo passaram para 15 mil. As ideias e notícias puderam ser espalhadas por todo país, pois apesar de sua sede se encontrar no Rio de Janeiro, o periódico contava com distribuição nacional. Os idealizadores eram os jornalistas Adão Costa, Aguinaldo Silva, Antônio Chrysóstomo, Clóvis Marques, Francisco Bittencourt, Gasparino Damata, João Antonio Mascarenhas, o pintor Darci Penteado, o crítico de cinema João Silvério Trevisan e o antropólogo Peter Fry⁶².

É curioso pensar que Peter Fry, um dos idealizadores do *Lampião*, jornal que se dizia aberto a todas as minorias políticas, anos mais tarde, durante a adoção das cotas raciais no Brasil, vai se posicionar contra. O argumento do professor e antropólogo seria de que não houve debate frente a adoção das cotas raciais e que isso consolidaria o racismo ao invés de acabar com o racismo- ignorando os debates de que as cotas seriam uma medida de curto prazo para amenizar a violenta exclusão de negros em universidades. Peter Fry ainda usou um aluno negro contra a adoção do sistema de cotas para reforçar seu argumento de forma totalmente desonesta, pois a voz de um não universaliza a de todos⁶³.

Após o sucesso dos primeiros números, começaram algumas desavenças internas entre membros do conselho editorial. Devido a diversas questões ideológicas internas e de atuações políticas, parte dos membros do conselho editorial começou a repudiar a militância homossexual, pois as acusavam de serem partidárias, e expressavam o descontentamento por meio de manchetes e artigos agressivos para divulgar por todo país as desconfianças em relação a qualquer política homossexual. Muitos militantes de grupos organizados acusavam o *Lampião* de ter se tornado um jornal de direita, devido às críticas voltadas para a esquerda em que denunciavam o machismo e o conservadorismo de suas políticas⁶⁴.

Além do mais, desde a fundação do jornal surgiu uma rivalidade entre os membros residentes em São Paulo e os residentes do Rio de Janeiro, pois, por conta da impossibilidade de alternar reuniões de pauta entre as duas cidades, alguns membros paulistas acusavam os do Rio de não concederem espaço suficiente para os artigos vindos de São Paulo, resultando em

61 MACRAE, Edward. *A construção da igualdade: identidade sexual e política no Brasil da abertura*. In: *A construção da igualdade: identidade sexual e política no Brasil da abertura*. 1990. p. 96.

62 Ibidem, p.71.

63 FRY, Peter. *Introduzindo o racismo*. O Globo, v. 21, 2003.

64 Ibidem, p 88.

excessivas matérias a respeito das questões homossexuais das ruas cariocas. Essa também era uma questão que os leitores costumavam abordar em suas cartas⁶⁵.

Somando a isso, as dificuldades de distribuição resultadas do terrorismo da direita que ameaçava queimar todas as bancas de jornais que vendiam periódicos da imprensa alternativa resultaram no caimento das vendas e no sustento do jornal. As vendas caíram e os custos de produção aumentaram. Em junho de 1981, o *Lampião* publicou o que seria seu último número, o 37.⁶⁶

Com 41 edições, o que incluía três especiais, O *Lampião* é uma fonte histórica importante para compreender experiências da homossexualidade, tanto no sentido de pautar as violências e repressões sofridas por LGBT e outros grupos socialmente marginalizados, quanto para se entender multifacetadas questões desses grupos.

2.3 Representação dos negros no *Lampião da Esquina*

Antes de falarmos dos negros no *Lampião*, precisamos posicioná-los frente à época vivida: a ditadura militar. O mito da democracia racial foi uma das bases ideológicas do regime, o que confinou possibilidades de enfrentamento de negros e indígenas, mantendo assim o privilégio e a supremacia branca. Ainda há uma grande lacuna e silenciamento de processos políticos que envolvem violências e resistências da população negra frente à ditadura. Violências essas que são caracterizadas por prisões abusivas, violações de domicílio, remoções de lugares de moradia, diversos tipos de tortura e sensação constante de ameaças: “Uma política criminal enraizada no colonialismo escravocrata, radicada principalmente nas favelas, subúrbio, Baixada Fluminense e outras regiões periféricas do Estado.”⁶⁷ Thula Pires traz a explicação de Fanon acerca de desumanização, que abarca o ser e o não-ser, onde os negros ocupam esse último, então, mesmo as violências sobre esses corpos tendo sido acirradas em processo ditatorial, elas foram normalizadas. Recapitulando ainda Grosfoguel:

O terceiro aspecto destacado tem relação com a desumanização tão profunda de corpos não brancos que o reconhecimento de seus processos de organização e agência por democracia e liberdade, ainda que seculares e reafirmados em momentos de acirramento da violência e do arbítrio, não são entendidos nesses termos. Partindo das contribuições de Fanon (2008),

65 Ibidem, 91.

66 Ibidem, p. 92.

67 PIRES, Thula Rafaela de Oliveira. *Estruturas intocadas: Racismo e ditadura no Rio de Janeiro*. Revista Direito e Práxis, 2018, v. 9, n. 2, p. 1063.

assume-se aqui a incomensurabilidade entre a zona do ser e a zona do não ser. A primeira esfera é tomada como régua de humanidade, a partir da qual serão identificadas as ideias de lícito/ilícito, moral/imoral, homem-mulher/macho-fêmea, civilidade/primitivo, racional/bestial, humano/não humano. A condição de aplicação da legalidade na zona do ser tem sido sustentada na violência, como regra, na zona do não ser⁶⁸.

Sendo uma das propostas do *Lampião* abrir espaço para questões que abarcam sujeitos silenciados pela ditadura, veremos como se deu essa representação. Pegamos vinte e cinco matérias no *Lampião* para pensarmos nas formas que o jornal representava pessoas e movimentos negros atuantes, afim de entendermos as narrativas construídas pelos intelectuais e ativistas do emergente movimento LGBT por meio da análise de entrevistas, artigos e textos de convidados que contribuíram acerca de segmentos negros.

“E o negro, é beautiful?”⁶⁹ é a chamada de um artigo de autoria do jornalista e pesquisador de cinema João Carlos Rodrigues em que são levantadas questões a respeito do ativismo dos movimentos negros. João Carlos argumenta que os movimentos negros se tornaram, como outros movimentos de esquerda, uma instituição de classe média que dialogava com a classe média, somente. A solução sugerida pelo autor seria dialogar com as bases. Como desdobramento disso, ele argumenta que as minorias, desejosas de serem aceitas pela maioria, acabam adotando a moral vigente. Esse seria o motivo do distanciamento do segmento negro em relação ao jornal: “Talvez seja esse rancor moralista e obsoleto que até o momento tenha mantido os negros longe do *Lampião*, jornal aberto a todas minorias”⁷⁰. Conclui-se que o jornal transfere a responsabilidade aos movimentos negros por sua escassa presença no jornal, já que não contribuíam para tanto.

Tal crítica é aproveitada como mote para fazer um convite às entidades negras a participarem ativamente do jornal. Após esse artigo algumas pessoas do Instituto de Pesquisa da Cultura Negra (IPCN) procuraram o *Lampião*, criando oportunidade para que fosse realizada uma entrevista com Abdias Nascimento. As três horas de entrevista foram convertidas em três páginas inteiras do jornal. Na edição seguinte (e também anexada à primeira edição extra), Abdias discutiu acerca do lugar dos negros no Brasil e, quando mencionaram o artigo “E o negro, é beautiful?”, questionando a elitização do movimento negro brasileiro, Abdias se contrapôs: “É; não se pode restringir à classe média, mesmo porque, classe média negra é uma coisa que não existe”⁷¹.

68 GROSFOGUEL apud PIRES, *Ibidem*, p. 1057.

69 *Lampião da Esquina*, n. 14, julho de 1979. p. 8.

70 *Idem*.

71 *Lampião da Esquina*, n. 15, agosto de 1979. p. 12.

Durante a entrevista com Abdias Nascimento, chegou uma familiar, Eliane, que expôs o estranhamento de chegar numa sala cheia de homossexuais. Como registrado, ela não conseguiu terminar de dizer o nome, como se fosse ofensivo. Ao ser cobrada pelos entrevistadores do *Lampião*, ela se esquivava e fala que a homofobia não se compara ao racismo. Então, Aguinaldo Silva respondeu que a homofobia é bem mais sutil que o racismo. Esse diálogo representa bastante a problemática do não-lugar de quem faz parte de mais de um grupo estigmatizado (um negro homossexual, por exemplo). Como reconhecido no capítulo anterior, há racismo na militância LGBT e LGBTfobia dentro da militância negra. Isso sem contar com as violências fora desses dois espaços. Duas edições após a entrevista, foi publicada uma carta de um leitor negro, como resposta a Eliane, dizendo que há negros homossexuais.⁷²

Três edições após a publicação do artigo “E o negro, é beautiful?”, o autor João Carlos Rodrigues, ao não concederem entrevista ao *Lampião* durante uma conferência de movimentos negros, reforça seu argumento anterior: “Por isso recusar portas abertas (onde houveram) não passa de um ato de arrogância e imaturidade política”⁷³.

Quanto às representatividades, é importante destacar as matérias sobre artistas negros falando de suas vivências no mundo e na vida artística. O *Lampião da Esquina* levou o nome de Leci Brandão em cinco edições, entre entrevistas, notas e reportagens, para que essa pudesse contribuir para o jornal com sua trajetória. Em sua primeira edição extra⁷⁴, encontramos a primeira aparição da artista: mulher, negra, lésbica, cantora e compositora, ela é apresentada como uma das porta-vozes do “povo guei brasileiro”. A entrevista é feita por José Fernando Bastos, Antonio Crysóstomo e Maurício Domingues. Leci compunha músicas que abraçavam o público LGBT e, ao ser questionada por Crysóstomo sobre a motivação de ter escrito essas músicas, já que “falar sobre gueis vende”⁷⁵, ela responde que escreveu com honestidade sobre suas questões, de seus amigos e pessoas de seu convívio: “Eu não pensei ‘não, porque agora eu vou atingir as bichas’. Foi uma coisa de amor, numa noite em que eu estava deprimida e no dia seguinte pintaram a letra e a música na minha cabeça”⁷⁶.

Leci abriu o disco “*Coisas do meu pessoal*”, LP 1977, com a música “Ombro amigo”, uma das composições dedicadas ao “povo guei”. Na entrevista Leci fala do medo da gravadora, que sugeriu um samba no lugar. “Lancei o disco numa festança no Café Concerto

72 *Lampião da Esquina*, n. 17, agosto de 1979. p. 19.

73 *Ibidem*, p. 02.

74 *Lampião da Esquina*, extra n. 1, dezembro de 1979. p. 10

75 *Idem*.

76 *Idem*.

Rival, cheio de gente da Mangueira, baianas tradicionais ao lado de travestis, pessoal do morro confraternizando com homossexuais da Zona Sul do Rio”⁷⁷. Ao ser perguntada, por Crysóstomo, se não tinha medo de se expor e ser discriminada por ser mulher, negra e homossexual, Leci responde que essas condições fazem parte dela, e a fazem trabalhar e se esforçar ainda mais, por fazer tudo com verdade.

Na 20ª edição, o *Lampião* volta a falar de Leci para, além de divulgações, fazer uma denúncia: “Mangueira discrimina Lecy”. O jornal emite uma nota escrita pela própria cantora em que ela explica sua saída da escola de samba Estação Primeira de Mangueira: “Discursar durante um jantar para alertar jornalistas, sambistas e militares da posição esquerdista e subversiva de uma compositora são coisas da MANGUEIRA 80, a MANGUEIRA DA PETROBRÁS. Por isto, SAIO”⁷⁸.

Uma das edições em que Leci Brandão aparece novamente é para divulgar e denunciar um caso de racismo vivido por ela e sua mãe, D. Leci Assumpção Brandão. O caso aconteceu quando elas foram visitar uma amiga de D. Leci. Ao chegarem ao prédio da amiga elas foram impedidas, pelo porteiro, de utilizarem o elevador social. O porteiro as indicou o elevador de serviço e disse que estava apenas cumprindo protocolo. Leci fala à imprensa que é contra o radicalismo de negros militantes e diz que esses a acusam de ser acomodada, mas que depois de infeliz evento repensaria sua conduta, principalmente em relação à carreira: “Com isso posso ir até para o lado dos negros radicais, numa reavaliação de posturas anteriores”⁷⁹.

Em maio de 1980, Leci Brandão seria novamente reconhecida pelo *Lampião*, que a parabenizou em uma nota pela canção “Essa tal criatura”, que a consagrou como uma das maiores intérpretes da música nacional brasileira. O jornal também a saudou pela apresentação no *Fantástico*, onde levou os apresentadores aos arcos da Lapa para curtirem sua música, e usou casais homossexuais (homens e mulheres) como back-ground.⁸⁰

Por sua vez, na matéria “Mesmo no carnaval baiano, cada macaco no seu galho”⁸¹, Peter Fry e Edward MacRae apresentam uma análise comportamental dos foliões a partir de seus lugares de homens gays, brancos e estrangeiros. A escolha do título é um ponto de tensão a ser questionado, pois homens brancos utilizando da expressão “macaco” para referenciar pessoas negras é questionável a partir do ponto que entendemos a animalização histórica de

77 Idem.

78 *Lampião da Esquina*, n. 20, janeiro de 1980. p. 2.

79 *Lampião da Esquina*, n. 28, setembro de 1980. p. 5.

80 *Lampião da Esquina*, n. 24, maio de 1980. p. 10.

81 *Lampião da Esquina*, n. 1, maio/junho de 1978. p. 3.

corpos negros. A matéria destaca o que chamam de nova “tradição secular” na praça Castro Alves, que é descrita como o “centro nervoso do carnaval em Salvador” (**Imagem 1**). A nova tradição consistia na lavagem da escadaria do Palácio dos Desportos para satirizar a lavagem excessiva de todas as escadas de todas as igrejas por força da indústria do turismo.

Durante o carnaval todo, a Praça Castro Alves é um espetáculo orgânico que foge do previsível dos blocos e afoxés. E a grande contribuição é de gente que transa, que, com uma energia criativa e um senso de humor mordaz, aproveita a situação para se divertir às custas das caretes da vida cotidiana. [...] o centro do carnaval é lugar de gente da periferia da moralidade dominante. Por quatro dias, gente que vive às margens toma conta do centro”⁸².

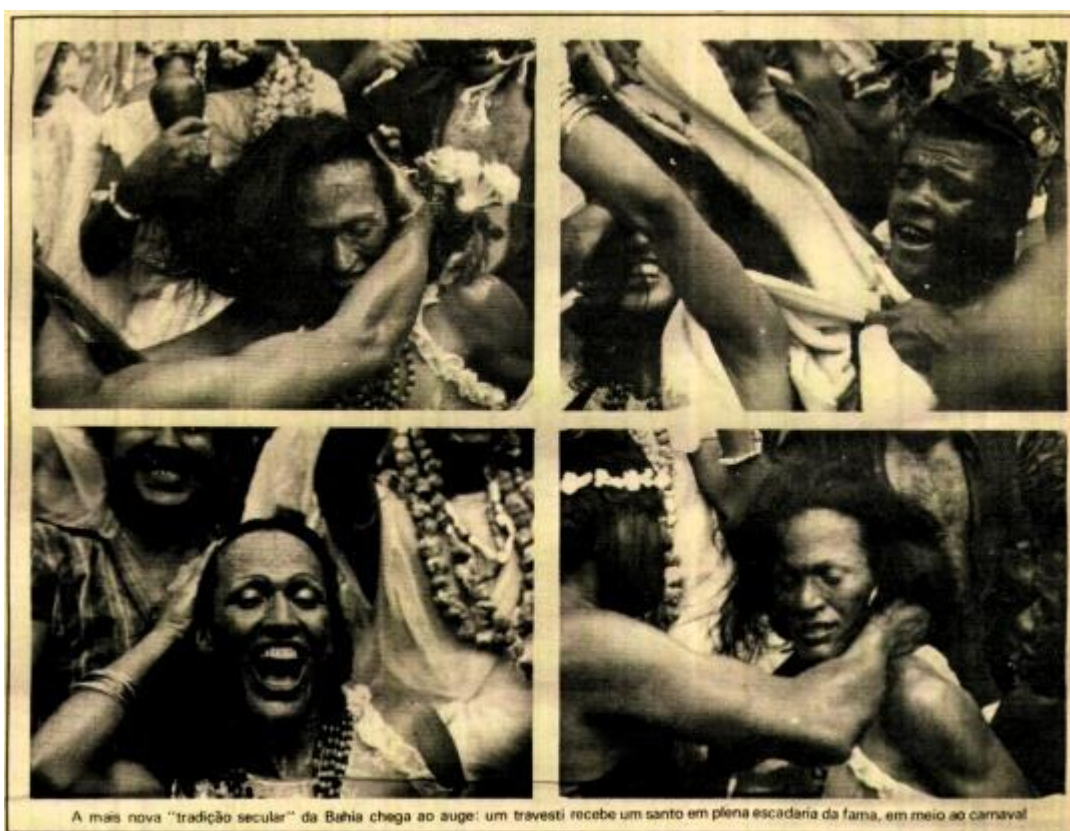


Imagem 1: *Lampião da Esquina*, n. 1, p. 3.

A descrição do cenário serve também para apontar injustiças sociais, o “jogo do poder” que faz com que essas pessoas precisem se esconder pelos outros 361 dias do ano. Além disso, traz a ideia de que os foliões nos dias de carnaval jogam o tal jogo ao assumirem o papel de bobos da corte. Mas que papel seria esse? A foto da chamada é de travestis e bichas negras se divertindo, sendo elas mesmas. “O poder deve ficar bastante contente com os

82 Idem.

acontecimentos da Praça Castro Alves, pois eles demonstram que, no fundo dos fundos, cada macaco tem seu galho”⁸³.

Por meio dessa matéria, o *Lampião* fez uma análise acerca de ocupação de espaços no carnaval por pessoas que não podem transitar livremente no resto do ano devido aos seus “tipos de sexo” e “tipos de transa”, porém, essa é também uma forma de resistência, pois, por mais que a sociedade dominante queira determinar os lugares de quem subalternizam, haverá a não aceitação. Quer dizer que, se quiserem não ser malvistas pelo “poder”, o correto seria se igualar a eles, e não resistir e lutar para viverem de forma digna sem se apagarem enquanto sujeitos? Ao dizer que essas pessoas estão agindo de acordo como os bobos da corte que a sociedade espera, apenas por ser expressarem, o jornal está, automaticamente, concordando com essa imagem. Além disso, os autores esqueceram de mencionar que a sociedade os exclui não apenas pelo “tipo de sexo” que gostam, mas também pela cor e pela classe social, sobre o que não há uma única linha sequer na reflexão, pois, como pontua a historiadora Luciana Brito sobre ocupação de espaços em Salvador, a exclusão e impedimentos de transição por espaços estão diretamente ligados a questão da raça: “Lembremos que aqui a exclusão econômica, vista pelo senso comum como menos grave, sempre foi um mecanismo para se promover segregação racial. Sob o argumento de ‘não importa a cor, desde que se tenha dinheiro’, os espaços de lazer brasileiros garantiram a exclusão de pessoas negras”⁸⁴.

Importante frisar que, apesar de textos como esse, não podemos descartar a importância de um jornal como o *Lampião* para seus leitores negros, que muitas vezes conseguiam se beneficiar positivamente com as matérias. Em uma das edições, na sessão “cartas na mesa”, espaço dedicado ao retorno do público-leitor, um homem escreve que o jornal mudou sua visão quanto à própria negritude, pois antes de acessar as informações disponíveis no periódico, ele acreditava em democracia racial⁸⁵.

Quando se é invisível na sociedade, poder falar é uma ferramenta de extrema importância para fazer as pessoas enxergarem que, além de rótulos e de uma vida marginal, há seres humanos com gostos, sonhos, visões de mundo, ou seja, humanidade. Igualmente importante à luta pela vida digna é a luta pelo direito de viver.

Como imprensa alternativa, o *Lampião da Esquina* também servia para denunciar crimes de violências policiais. Na reportagem “Monica Valeria, uma vida em segredo”,

83 Idem.

84 BRITO, Luciana. *Manda notícias de Salvador: a ocupação popular dos espaços e o direito à cidade*. Nexo jornal, 20 de jan de 2020. Disponível em: <<https://www.nexojournal.com.br/colunistas/2020/Manda-not%C3%ADcias-de-Salvador-a-ocupa%C3%A7%C3%A3o-popular-dos-esp%C3%A7os-e-o-direito-%C3%A0-cidade>> Acesso em 6 de fev de 2020.

85 *Lampião da Esquina*, n. 28, 28 de setembro de 1980. p. 18.

publicada na edição de dezembro de 1978⁸⁶, aborda-se a história de Monica Valeria, uma travesti de 33 anos que foi morar no Rio de Janeiro em 1962 após a vida se complicar em Minas Gerais em decorrência de a múltiplos preconceitos (**Imagem 2**). Tal como declara: “Briguei muito, apanhei e bati, arrebentei com tudo que não queria que eu virasse gente”.⁸⁷. Monica trabalhava como empregada doméstica, mas “fez a vida nas calçadas da Lapa, onde se travestia ‘por gosto e para não morrer de fome’.” A queixa da vida na calçada é a respeito da violência policial, e relata casos em que as travestis eram levadas e nunca mais apareciam: “Documento de bicha pobre é grade”⁸⁸.



Imagem 2: *Lampião da Esquina*, n. 7, p. 10.

Monica gostava de ouvir Maysa, Dalva de Oliveira, Carmem Costa, Billie Holliday e Ella Fitzgerald. Era apaixonada por música e sonhava em ser cantora, pianista. Antes de mudar para o Rio, sua madrinha, uma mulher com boas condições financeiras, o colocou no conservatório de música, mas precisou sair quando as mães e pais começaram a tirar os filhos, incomodados com sua presença. “Sempre fiz o bem e sempre adorei minha vida de homossexual. Nasci com essa intuição, graças a Deus. [...] Sou feliz. Me realizo sendo bicha. Bicha é o de menos. A vida é que é fogo.”⁸⁹.

“Quem é esse povo que está nas ruas?”⁹⁰, nessa reportagem escrita pelo jornalista Francisco Bittencourt é tratada a higienização do carnaval carioca pela RIOTUR- Empresa de turismo do município do Rio de Janeiro. “A RIOTUR acabou com o carnaval do Rio de Janeiro”, declara. Isso porque a empresa selecionava os participantes da programação oficial

⁸⁶ *Lampião da Esquina*, n. 7, dezembro de 1978. p. 10.

⁸⁷ Idem.

⁸⁸ Idem.

⁸⁹ Idem.

⁹⁰ *Lampião da Esquina*, n. 10, março de 1979. p. 7.

por meio do preço dos ingressos e do consumo, e também pela rígida repressão sistemática. Mas o foco aqui é na resposta natural dos que ficaram de fora da festa “oficial”. Estampando a matéria, aparecem travestis se divertindo e curtindo o carnaval aos seus próprios modos, sem precisar se podar ou se esconder. Bittencourt apresenta a Cinelândia como um lugar de resistência à institucionalização do carnaval, pois é onde os foliões se reúnem e fazem a própria festa, muito mais do povo, autêntica, que qualquer empresa pudesse forjar.

Chegando na última semana de fevereiro, a décima edição do *Lampião* ainda estava em produção e, então, os lampiônicos resolveram fazer cobertura de manifestações carnavalescas. É interessante pensar que, justamente nessa edição, logo após a reportagem “quem é esse povo que está nas ruas?”⁹¹ nos deparamos com a figura de Djalma Santos. Essa ligação representa uma das muitas associações correlacionadas a sua imagem. “Djalma Santos: nosso homem em Vila Kennedy”, à época com 47 anos, o gaúcho de Alegrete foi apresentado na edição como “artista plástico, travesti, showperson, ex-ovelha negra da família, A.A, filho de Xangô, com a cabeça feita por mãe Sara de Iansã (de Porto Alegre) e atual feliz residente da Vila Kennedy (do Rio).”⁹².

Djalma se formou em artes plásticas e lecionou por quase dois anos em São Lourenço, uma cidadezinha localizada no interior do Rio Grande do Sul, mas acabou desistindo do magistério por força da reação dos pais de seus alunos ao descobrirem sua sexualidade. Djalma ficou conhecido por ter feito a roupa típica da primeira Miss Universo brasileira Yeda Maria Vargas, e então decidiu se aventurar no Rio de Janeiro, onde frequentava a Zona Sul, junto a classe média artística. Pouco tempo depois Djalma foi envolvido em um escândalo no qual foi acusado de assassinato. Enquanto estava detido, a polícia tentava arrancar uma confissão no tapa, literalmente. Felizmente, uma de suas tias chegou com um advogado, e sua inocência foi provada. Sem emprego, Djalma vagava pelas ruas da cidade, até que encontrou um conterrâneo gaúcho que o levou para morar na Vila Kennedy, onde viveu por dois anos⁹³.

Djalma conta que, na Vila Kennedy, entre outras coisas, confeccionava fantasias de carnaval. Sentiu a necessidade de voltar para Porto Alegre depois de uma confusão com as fantasias e por lá permaneceu por oito anos, onde se dedicou a exposições no interior, sendo que a última foi realizada na Assembleia Legislativa do Estado. Depois disso voltou para Vila Kennedy, onde logo se encarregou de fazer roupas de escolas de samba, preparar exposições, pintar retratos, dirigir peça de teatro, e ainda estava cheio de planos.

91 Idem.

92 Ibidem, p.8.

93 Idem.

Um dos aspectos louváveis que podemos apontar no *Lampião* é que em algumas edições eram reservados espaços de divulgação de trabalhos de artistas e grupos negros. No número publicado em outubro de 1979, sob o título de “Cinco aspectos da cultura afro-brasileira”⁹⁴, foram divulgados alguns trabalhos com suas respectivas críticas feitas pelo jornal, para chamar a atenção do leitor às obras e iniciativas. A primeira divulgação é referente à peça teatral “*Sortilégio*,” de Abdias Nascimento, onde elogiam a autenticidade da obra e reclamam do silêncio da crítica e da classe teatrais, frente ao alto teor simbólico da realidade nacional retratada. Em seguida, comentam sobre o lançamento do disco *Clementina e Convidados*, de Clementina de Jesus, chamando atenção para o discurso presente na primeira música “Assim não, Zambi”, de autoria de Martinho da Vila, em que a sambista denuncia a violência policial nos morros. Após a divulgação do disco de Clementina, foi apresentado o grupo de dança afro Olorun Baba Min, onde criticam a falta de uma criação original e sugeriram à autora, Isaura de Assis, que quando fizesse, incrementasse outras formas de cultura afro, ainda ausentes, e que retratasse o cotidiano do negro brasileiro contemporâneo. Além disso, o *Lampião* novamente pontuou a falta da crítica cobrindo o espetáculo.

Outra divulgação interessante é da novela “*A descoberta do frio*,” de autoria do escritor paulista Oswaldo de Camargo, sobre a qual apresentam a seguinte crítica:

De certa maneira, uma obra de ficção científica. Numa cidade hipotética do Brasil, onde os negros se reúnem debaixo de uma estátua de Zumbi, surge uma estranha doença que só mata negros. É o frio. As tentativas dos personagens em averiguar tudo e comunicar ao mundo, acabam frustradas porque sua existência não consegue ser provada. Doença abstrata e invisível.

Interessante. Mas com excessivas metáforas, porque afinal a cidade não é assim tão hipotética e o frio representa exatamente a forma brasileira do racismo, invisível, mas não menos presente. O autor poderia ter sido mais agressivo nas suas acusações, dando nome aos bois e não se ambarafustando tanto num simbolismo complicado, mesmo que original e não isento de talento. Com mais dureza de estilo, acredito, teria obtido resultados mais satisfatórios. Eliminar a autopiedade como raça e como indivíduo a realidade de frente são as primeiras condições para uma literatura afro-brasileira mais consequente⁹⁵.

Oswaldo de Camargo é um poeta, escritor, pesquisador, jornalista e uma grande personalidade e referência em literatura negra. O que o autor da crítica chama de autopiedade, Oswaldo chama de angústia. Os pais de Oswaldo, apanhadores de café e analfabetos, morreram em sua infância e ele foi morar em um preventório destinado aos filhos de pais com tuberculose, dado que sua mãe faleceu por causa da doença. Oswaldo fala da solidão, da rejeição e das mágoas que carrega por ter precisado ser sempre perfeitamente adequado para

⁹⁴ *Lampião da Esquina*, n. 17, outubro de 1979. p. 17.

⁹⁵ *Ibidem*.

poder ser amado, por não ter tido espaço para errar e coloca isso na conta do racismo. Ele diz em entrevista para *Persona*⁹⁶ que, conseqüentemente, sua literatura carrega essas marcas da dor, mas também diz que não sucumbiu: “Pelo contrário, sou um homem otimista. Eu tenho uma visão muito clara do mundo. Eu gosto muito de gente. Não me tornei um homem amargo, mas eu tenho alguns poemas que são amargos”⁹⁷.

Por fim, divulgaram a inauguração do jornal Sinba, jornal negro com proposta de diálogo com a população negra. A crítica foi que o jornal ainda tinha o que melhorar, mas celebraram o que disseram ser o renascimento da imprensa negra.

Por vezes, o jornal opinou de forma inconscientemente racista. Não adianta falar do povo negro e reforçar a ideia de radicalismo, pois como vimos, o fizeram em algumas matérias, deslegitimando pautas dos movimentos negros. Uma diferença pode ser percebida nas vezes em que o jornal garantiu espaço para que intelectuais negros produzissem conteúdo a respeito do próprio povo. Exemplos disso são ensaios escritos pelo jornalista Rubem Confete. Um deles, em contraponto a diversas matérias expostas aqui acerca do carnaval que foram escritas por um olhar da branquitude, o escritor faz uma análise responsável das escolas de samba como ferramenta política e a participação do povo negro nesse cenário⁹⁸.

Outra, sob o título de “Quanto vale o negro brasileiro?”, Rubem Confete aborda o então cenário político brasileiro e a influência internacional, principalmente dos EUA, para explicar a abertura política do governo Figueiredo, que foi justificado pela necessidade de readaptação à estrutura internacional e pela pressão interna de movimentos populares. Junto à isso, é colocado o negro em perspectiva dentro desse cenário. Confete traz a ideia de falsa abolição e novos tipos de escravidão do povo negro que ainda estava sujeito ao desemprego, subemprego, perseguições policiais e jogados às margens. Devido à isso, surge a necessidade da criação do Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial, em São Paulo, mas que já havia sido estendido a outros estados, na intenção de denunciar e pensar políticas de libertação, tendo, assim, Zumbi dos Palmares como grande símbolo e, por isso, o dia 20 de novembro, data de seu assassinato, foi instituído o dia nacional da consciência negra⁹⁹.

O jornal também contou com a contribuição de Abdias Nascimento, que levou a discussão de pautas que afetariam diretamente a população negra, como a da prisão cautelar, onde argumenta que seriam os negros as maiores vítimas desse sistema. Além disso, o

96 Programa da UFPR TV.

97 UFPR TV. PERSONA- OSWALDO DE CAMARGO (44min31seg). 03/04/2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=A9X4ne3cBjc&t=916s>>. Acesso em 02 de fev de 2020.

98 *Lampião da Esquina*, n. 23, abril de 1980. p. 16.

99 *Lampião da Esquina*, n. 19, dezembro de 1979. p. 10.

Lampião publicou uma nota do Movimento Negro Unificado (MNU) sobre o mesmo assunto¹⁰⁰.

Uma matéria assinada por Francisco Bittencourt, diz respeito ao Centro Cultural de Arte Negra em Paris, inaugurado em outubro de 1979, no bairro de Mellmontant, uma região pobre que concentrava grande parte de imigrantes árabes e negros. Entre os brasileiros convidados a se apresentar, estava o Sacy Pererê, um grupo que foi criado para prover informações sobre a nossa música, artes plásticas e a história do negro de forma geral. Em sua participação, foram exibidos filmes e músicas brasileiras, na intenção de promover debates com o público. Outro grupo brasileiro convidado a participar foi o Ginga, constituído por músicos negros conscientes e preocupados em mostrar suas raízes. A matéria traz as controvérsias da criação do centro cultural, pois não foi bem recebido pela imprensa francesa, que se mostrou xenófoba e intolerante¹⁰¹.

Encontramos ainda uma entrevista com Zezé Motta, onde a artista fala sobre carreira, negritude, feminismo, movimentos negros, representatividade, racismo, etc. Um dos entrevistadores afirma, ao formular uma pergunta para Zezé, que “O movimento negro tenta radicalizar o preconceito para que a coisa seja realmente vista. Uma coisa mais concreta como nos Estados Unidos...”,¹⁰² Ao dizer que o movimento negro tenta radicalizar o preconceito, a postura do jornal segue, mais uma vez, distante das pautas do MN. Esse tipo de conduta que segue em entrelinhas do periódico poderia levar o público leitor a ter o mesmo tipo de pensamento a respeito dos movimentos negros atuantes, e isso de nada poderia contribuir para o fortalecimento das pautas.

Em fevereiro de 1980, no contexto do carnaval, o *Lampião* trouxe uma entrevista com Eloína, uma travesti negra carioca e uma das maiores atrações da Beija-Flor. Eloína vivia em Paris, onde trabalhava em casas de shows, mas voltava todo carnaval para desfilar. Na entrevista ela fala um pouco sobre a apresentação de um musical que faria na Galeria Alaska, um dos principais pontos de encontro de LGBT no Rio de Janeiro – e conta sua trajetória de transformação enquanto travesti¹⁰³. Ainda no calor das festividades carnavalescas, na edição seguinte, o jornal chamou atenção para o “carnaval das bichas”. Numa das matérias, é defendida a ideia de que o maior carnaval do mundo é feito por bichas, pois são eles quem configuram o figurino, fornecem a imagem (é usado o exemplo de Eloína, da Beija-Flor), incrementam o desfile das bandas, causam o delírio das multidões no carnaval de rua e ainda

100 Ibidem, p. 9.

101 Ibidem, p. 14.

102 *Lampião da Esquina*, n. 19, dezembro de 1979. p. 11.

103 *Lampião da Esquina*, n. 21, fevereiro de 1980. p. 3.

compõem as alas de maior sucesso. Além disso, falam da história das escolas de samba que, desde a implementação do Estado Novo, possuem temáticas engessadas. Como contraponto, falam do Grêmio Recreativo de Arte Negra e Escola de Samba Quilombo, uma escola de samba fundada em 1975 pelos sambistas Candeia, Nei Lopes, Wilson Moreira e Mestre Darcy do Jongu, e que não se importa com os holofotes: “Ver Clementina de Jesus, abençoando a multidão, e nosso colaborador Rubem Confete de mestre-sala, não é para todo dia”¹⁰⁴.

Na edição de n. 25, publicada em junho de 1980, encontramos uma reportagem sobre atividades do Movimento Negro Unificado (MNU) na semana do dia 13 de maio (aniversário da Lei Áurea), e sobre as questões levantadas em um Ato Público. A reportagem também explica as simbologias do marco histórico e os porquês de não ser uma data comemorativa para os militantes de movimentos negros¹⁰⁵. Nessa mesma edição encontramos uma matéria sobre Emílio Santiago e Leci Brandão. Emílio é apresentado como homossexual assumido e confiante, apesar de discreto, mas o foco da matéria é seu talento e agendas lotadas¹⁰⁶. Leci aparece mais uma vez para divulgar seu terceiro LP, e reforçar o fato de a cantora ter levado a questão da homoafetividade, novamente, para o novo disco.

Na última edição de 1980, em dezembro, o *Lampião* apresentou uma matéria sobre Lima Barreto sob o título de “Escritor libertário”. A reportagem abordou a trajetória do escritor carioca e sua importância como uma figura negra na cultura nacional. O intuito da matéria foi homenageá-lo por causa do 20 de novembro, data do aniversário de morte de Zumbi dos Palmares. O *Lampião da Esquina*, é claro, não deixaria de, novamente, criticar ações de movimentos negros: “Este ano LAMPIÃO, em vez de cobrir o movimento negro (cuja maioria dos participantes preferem deblaterar entre si do que fazer um trabalho consequente)- resolveu homenagear toda população afro-brasileira na pessoa de uma das suas maiores expressões”¹⁰⁷.

Sobre não deblaterar entre si e fazer um trabalho consequente, o periódico deu como exemplo uma campanha feita pelo grupo gay da Bahia. Tratava-se da divulgação da Campanha de assistência médico-social gratuita a homossexuais e foi batizada de “operação pelourinho”¹⁰⁸. Esse tipo de divulgação de trabalhos efetivos voltados para a comunidade LGBT na Bahia, onde grande parte se encontrava na marginalidade de políticas públicas é um exemplo de como podemos pensar em ações benéficas para quem é negro, homossexual e não

¹⁰⁴ *Lampião da Esquina*, n. 22, março de 1980. p. 4.

¹⁰⁵ *Lampião da Esquina*, n. 25, junho de 1980. p. 15.

¹⁰⁶ *Ibidem*, p. 16.

¹⁰⁷ *Lampião da Esquina*, n. 31, dezembro de 1980. p. 15.

¹⁰⁸ *Lampião da Esquina*, n. 34, março de 1981. p. 3.

possui acesso à saúde, pois o negligenciamento a essas vidas também é uma forma de extermínio.

Ao pensar em questões de raça, homossexualidade e a inserção de pautas de movimentos negros no emergente movimento homossexual brasileiro, percebemos o fraco diálogo com pessoas negras LGBT. Quando se é difícil pensar nas pautas dos movimentos negros dentro de movimentos LGBT, mais difícil ainda é pensar nas intersecções, pois não é efetivo pensar nas violências que cercam pessoas negras e, posteriormente, pensar nas violências que cercam pessoas LGBT para fazer disso uma soma, porque essas duas questões, quando juntas, resultam em violências específicas, ou seja, não podem ser respondidas e pensadas de forma isolada. Essas questões remetem à solidão e isolamento, ao afeto, à saúde, às violências físicas e psíquicas, ao genocídio. O emergente movimento LGBT não soube dialogar com movimentos negros, e isso não se distancia dos movimentos LGBT contemporâneos, ou dos movimentos negros, que ainda não costumam pensar efetivamente nas questões específicas de quem é negro/negra e LGBT. No capítulo seguinte, acompanharemos a trajetória de um dos nomes encontrados aqui, no *Lampião* e, por meio de sua história de vida, dialogaremos com as questões apresentadas nesses dois primeiros capítulos: negritude e sexualidade.

CAPÍTULO III –DJALMA DO ALEGRETE E INTERSECÇÕES À NEGRITUDE

3.1 Trajetórias de Djalma

Neste último capítulo, reduzimos a escala de observação para dialogar sobre a trajetória de um homem cuja existência se constituiu na interseccionalidade: negro, cisgênero, homossexual, travesti, candomblecista, entre tantos outros atravessamentos. Indivíduo sobre o qual tomamos conhecimento durante a leitura do jornal *Lampião da Esquina*, Djalma Cunha dos Santos (**Imagem 4**), ou Djalma do Alegrete (como preferia), foi um artista plástico que se recusou a reproduzir a arte europeia/ocidental, por mais que as artes plásticas no Brasil fossem território dominado por brancos. Da mesma forma, recusou-se a ficar no lugar socialmente estabelecido para ele. Assim, não apenas ocupou espaços, como também criou novos, passou do individual para o coletivo. A elite intelectual acabou sendo público de suas exposições, mas Djalma também compartilhou e ensinou arte em comunidades.

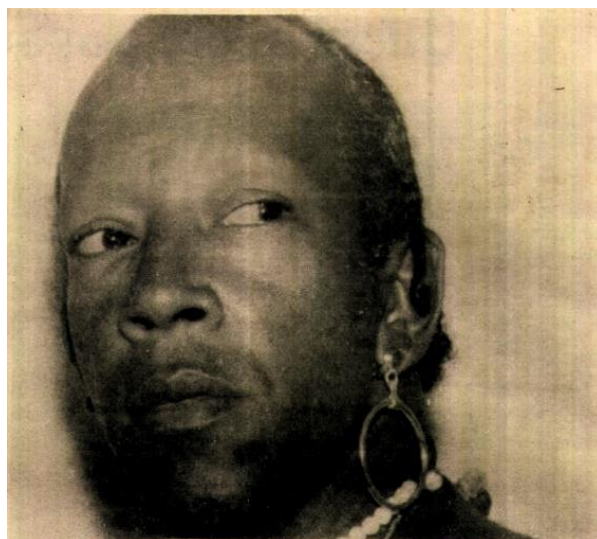


Imagem 4: *Lampião da Esquina*, 1979, n. 10, p. 8.

Natural do Rio Grande do Sul, nasceu no município de Alegrete no dia 4 de junho de 1931. Desde muito cedo demonstrou paixão pelas artes, o que lhe levou aos estudos em jornalismo e artes plásticas. Segundo o jornal *O Globo*, em matéria escrita em 1988, ele foi o primeiro aluno negro a ingressar na Faculdade de Belas Artes da Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)¹⁰⁹. Djalma ganhou visibilidade internacional ao produzir o figurino usado pela gaúcha Ieda Maria Vargas, ao concorrer ao concurso Miss Universo de 1963, em Miami. O

¹⁰⁹ JORNAIS DE BAIRRO, *O Globo*, 06 de novembro de 1988, p. 35.

traje (**Imagem 5**), exaltação aos Pampas, foi inspirado na Revolução Farroupilha e ficou em segundo lugar, atrás apenas da representante de Israel. Foi muito elogiado, apesar de criticado em seu estado natal, por ter misturado indumentárias femininas e masculinas no traje¹¹⁰.



IMAGEM 5: Ieda Maria Vargas, Miss Universo 1963, Miami. Disponível em: <<https://blogs.ne10.uol.com.br/social1/2016/07/20/ieda-vargas-a-miss-universo-de-1963/>>: Acessado em 02 de fev de 2020.

Djalma possui quadros espalhados pelo Brasil e exterior. Dentre os reconhecimentos internacionais, conta com telas premiadas nos Estados Unidos, em 1963, e no Panamá, em 1972. Em território nacional, ganhou o título de Cidadão Emérito do Rio de Janeiro, graças as suas contribuições para a cultura popular carioca e, mais tarde, em 1992 – dois anos antes de sua morte – ganhou o mesmo prêmio em Porto Alegre. Graças ao seu empenho junto aos coletivos carentes cariocas, recebeu ainda a medalha Pedro Ernesto¹¹¹, em 1986¹¹².

Em uma entrevista para o *Correio da Manhã*, em 1963, ele comenta o episódio que lhe rendeu notoriedade internacional e afirma que, além de não ter recebido pagamento pelo traje confeccionado por ele, não foi ao menos convidado para assistir ao desfile de Miss Brasil no Rio. O talento de Djalma era tanto que não poderia ser descartado pela branquitude na hora de ser-lhes útil, mas sua imagem, sim. Pouco depois, em 1963, Djalma mudou para o Rio de Janeiro e justificou sua saída do estado pelo preconceito racial: “A segregação racial no Rio

110 JUNG, Roberto Rossi. *Djalma do Alegrete*. Porto Alegre: Errejora Livros Editora, 2017. p. 37 e 38.

111 É uma medalha de mérito e a principal homenagem prestada pelo Rio de Janeiro a quem mais de destaca na sociedade brasileira ou internacional.

112 ANGELOS, Eloy Dias dos. *Jornal do comércio*, edição de 25/04/2014.

Grande do Sul é um fato. Lá nós somos chamados de ‘aquele negro’ ou de ‘negrinho’ e acho que é por isto que eu não tenho oportunidade na minha própria terra”¹¹³.

Assim que chegou na Vila Kennedy, Djalma começou a trabalhar para o carnaval e por esse mesmo motivo teve que ir embora dois anos mais tarde. No carnaval de 1971, estava trabalhando para o Bloco das Vassourinhas, encarregado de desenhar e confeccionar as fantasias, mas os trajes não ficaram prontos a tempo e isso gerou uma grande confusão. Com medo, voltou para Porto Alegre, onde permaneceu por oito anos. Nesse meio tempo trabalhou no interior, onde retratava e fazia exposições e... bebia muito.

Durante a entrevista ao *Lampião*, Djalma conta que havia parado, definitivamente, de beber: “Só agora me dou conta que o álcool estava me matando, que todo mundo tinha medo de mim. Desta vez a coisa vai ser diferente”¹¹⁴. Fala do seu projeto autobiográfico e de suas oito tentativas de suicídio. “Era uma obsessão. Eu ia acabar morrendo mesmo. O que me salvou foi ter encontrado mãe Sara de Iansã”¹¹⁵. Em 1984 concede uma entrevista a outro jornal e conta sobre uma das tentativas que ocorreu ainda em Porto Alegre. “Entreguei a Deus meu corpo e devolvi-lhe o meu talento”. Ao acordar, considerou um milagre divino, então partiu para a espiritualidade¹¹⁶.

Djalma tinha verdadeira fascinação pelo carnaval antes mesmo de se mudar para o Rio de Janeiro, onde as festividades eram e são mais conhecidas. Apesar de o carnaval de rua de Porto Alegre não ser muito exaltado ou reconhecido para fora do estado, a gente negra gaúcha é bastante presente na história do carnaval da cidade. O apagamento sistemático de experiências culturais negras e indígenas na história do estado pode ser explicado pelo esforço de reduzir a história do Rio Grande do Sul ao vivido por pessoas de origem e tradições europeias. O mito do Rio Grande do Sul apenas branco faz com que não se queira vincular a imagem da cidade a práticas culturais negras, o que inclui o carnaval e o samba – fazendo com personalidades como Lupicínio Rodrigues pareçam exóticas ao cenário tido como genuinamente gaúcho. Não por acaso, em fins da década de 1990, assistiram-se a manifestações contra a criação de um sambódromo, sob a alegação de determinados moradores de que isso resultaria no aumento da criminalidade¹¹⁷.

A festa organizada nesses espaços pelos blocos, cordões e sociedades carnavalescas negras tem um significado especial para os carnavalescos até a

113 CORREIO DA MANHÃ, edição 21566, 23 de julho de 1963, p. 9.

114 *Lampião da Esquina*, n. 10, março de 1979, p. 8.

115 Idem.

116 JORNAIS DE BAIRRO, matutina, 03 de agosto de 1984, p. 06.

117 DA SILVA, Gilberto Ferreira; DOS SANTOS, José Antônio; DA CUNHA CARNEIRO, Luiz Carlos. *RS negro: cartografias sobre a produção do conhecimento*. Edipucrs, 2008. p. 108.

atualidade, pois está associada a uma história de resistência, manutenção e criação de fronteiras étnicas pelos descendentes de africanos no passado, e são continuamente evocadas no presente. Esses referenciais étnicos constituídos outrora ainda são fortes símbolos de identificação coletiva para estes segmentos da população, sendo o carnaval um importante referencial de consolidação da identidade negra em Porto Alegre¹¹⁸.

Os negros gaúchos fizeram do carnaval uma de suas marcas à época do nascimento de Djalma. Além disso, existe forte ligação entre o carnaval e homossexuais, por se tratar de uma celebração permissiva a vários tipos de expressão, especialmente de dissidências de gênero. Somando isso a abertura criativa da festa, que dá espaço às pessoas se expressarem por meio de figurinos, podemos entender o encantamento de Djalma por essa época do ano.

Quando Djalma foi entrevistado no *Lampião da Esquina*, em março de 1979, ele estava no auge de seus 47 anos. Ele gostava de se apresentar como Djalma do Alegrete, em referência a sua cidade natal, para que pudesse se diferenciar.

Djalma conta aos *lampiônicos* que logo que se formou em artes plásticas foi para São Lourenço do Sul, uma cidadezinha do interior do Rio Grande do Sul, onde lecionou por quase dois anos, mas desistiu do magistério devido ao preconceito sofrido por lá pelos pais de seus alunos, que não aceitavam o fato dele ser negro e gay, chegando até a ser apedrejado nessa cidade. Conta ainda a história de quando foi visitar Uruguaiana convidado por um pai de santo local para participar de um congresso de umbanda: Fora do congresso ele se travestia usando o nome Samanta, personagem sensual e atrativa criada por ele. Após falar um pouco sobre sua vida depois que chegou na Vila Kennedy, no Rio, revela que até chegou a se envolver com uma mulher e declarou: “Sou como Oxumaré, que é seis meses homem e seis meses mulher”¹¹⁹.

Em ensaio publicado algumas edições após a reportagem com Djalma, a respeito de religiões de matriz africana, de autoria não identificada, é explicada a questão da bissexualidade no meio religioso:

O bissexualismo é previsto em vários orixás, que são meio homem, meio mulher, dependendo da época do ano, como Oxumaré, ou LogunEdé, ou outras qualidades de Iansã e Ogun. É bendita hora quando o orixá de um homem tem princípio feminino e vice-versa- uma mulher tem orixá masculino, mandando na cabeça. São pessoas privilegiadas, completas, integradas, fortes¹²⁰.

118 Idem, p. 112.

119 *Lampião da Esquina*, n. 10, março de 1979, p. 8.

120 *Lampião da Esquina*, n. 19, março de 1979, p. 12.

No momento em que concedeu a entrevista ao *Lampiãoda Esquina*, só fazia oito meses desde o seu regresso para o Rio. Voltou para a Vila Kennedy, onde estava construindo um quarto na casa de sua “madrinha”. Recomeçou a trabalhar confeccionando trajes de carnaval; estava montando uma exposição chamada “O mundo do Candomblé” e pintando retratos dos moradores da Vila - que também pretendia expor -, e estava cheio de planos.

Anos mais tarde, em 1988, já com 57 anos, Djalma foi entrevistado pelo O Globo, quando ainda morava na Vila Kennedy. Ainda cheio de projetos, incluindo um curso de desenho artístico que dava para crianças e adolescentes no Ciep da Vila, declarou: “Acho o trabalho maravilhoso. Foi junto a esta gente que encontrei apoio e amizade numa fase difícil. Aqui fiquei conhecendo o drama do negro. Agora, mais do que nunca, tenho consciência de que, apesar do prestígio que consegui, sou marginal por ser homossexual e negro”¹²¹. Percebe-se nos discursos de Djalma a autocrítica frente as questões identitárias de sua existência, ao ter a vida marcada pelas intersecções entre negro, artista, homossexual e candomblecista, ele sabia que algumas portas se fechavam pela arte marcada pelo afrobrasileiro e, em outras instâncias, por ser homossexual.

A entrevista no *Jornal do Commercio*, de 1983, traz uma foto de Djalma trabalhando em seu ateliê, na Vila Kennedy, junto a uma análise acerca do negro e o mundo das artes (**Imagem 6**). O texto se inicia com a crítica de que, por força da escravidão, o espectro social brasileiro manteve os negros longe das artes plásticas, com exceção de poucos nomes, tais como os irmãos João e Arthur da Costa, Antonio Rafael Pinto Bandeira e Estevão Roberto da Silva. Djalma prossegue com análises referentes ao mundo da arte afro-brasileira com discussões contemporâneas à época, levantando o debate pela necessidade de fazer alguma mobilização para que pudesse surgir mais artistas preocupados em enriquecer o cenário artístico com atividades de raízes populares. A análise apresentada serviria de editorial do lançamento de um jornal sobre cultura negra a ser lançado sob a direção de Djalma¹²². Todavia, até o momento, não foram encontrados quaisquer outros vestígios acerca desse projeto.

121 JORNAIS DE BAIRRO, O Globo, 06 de novembro de 1988, p. 35.

122 JORNAL DO COMMERCIO, edição 199, 4 e 5 de setembro de 1983, p. 10.



Imagem 6: *Jornal do Commercio*, 1983, n. 199, p. 10.

Em entrevista divulgada pelo Cultne, Acervo Digital de Cultura Negra, Djalma divulga suas obras e seus projetos em galeria no Rio de Janeiro. Ele fala do preconceito que sofria no Sul por se dedicar à cultura afro-brasileira, e diz que precisou sair, pois não aceitavam suas obras com o argumento de que comprometeria os compradores, e se mostra feliz por ter encontrado meios de promover seu trabalho pela valorização da cultura negra¹²³.

Devido a faltas de informações, acredita-se que Djalma tenha retornado definitivamente para Porto Alegre em 1990, ganhando, em 1992 o título honorífico de Cidadão Emérito¹²⁴. Djalma faleceu em 22 de abril de 1994, em Porto Alegre, segundo o jornalista Robert Jung, pobre e desamparado, enfrentando, desde alguns anos anteriores a sua morte, novamente, o alcoolismo. Jung também fala em bibliografia dedicada a Djalma que segundo o pesquisador Renato Rosa, ele era soropositivo¹²⁵.

3.2 Djalma: A trajetória individual como reconstituição de narrativas coletivas

A curiosidade acerca da trajetória de Djalma surgiu do reconhecimento de sua carreira trilhada apesar dos estigmas a ele lançados por ser um homem negro e homossexual que produzia arte inspirada na herança afro-brasileira. Djalma apresentou suas obras em diversas galerias e teve várias exposições divulgadas em jornais. Teve sua vida contada pelo jornalista Roberto Rossi em obra biográfica e ganhou reconhecimento por suas obras, recebendo

123 ACERVO CULTNE. CULTNE DOC, *Djalma do Alegrete*. (7min38seg). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=xqYSijVRZPs&t=187s>>. Acesso em: 27 jan. 2020.

124 JUNG, Roberto Rossi. *Djalma do Alegrete*. Porto Alegre: Errejora Livros Editora, 2017. p. 97 e 98.

125 Ibidem, p. 112.

diversos convites para exposições até o título de cidadão emérito no Rio de Janeiro e em Porto Alegre¹²⁶. Contudo, o racismo, ao afetar profundamente o mundo das artes no Brasil, faz com que figuras como ele sejam subdimensionados em vida e alvo de práticas de esquecimento por força das políticas de memórias vigentes no cenário nacional. Como argumenta Dilma de Melo Silva:

A inexistência de um maior número de artistas plásticos de origem negra é tão real quanto sua ausência nas universidades brasileiras. Dificuldade de acesso, assim como a impossibilidade de viagens, de leituras, de frequência a um meio mais cultivado, situação que em geral entre nós, continua sendo sempre privilégio de uma pequena camada da população¹²⁷.

Em entrevista de vídeo ao Acervo CULTNE, Djalma se mostra agradecido por ser eternizado em filmagem, e fala de suas dificuldades e processos como artista dedicado à arte afro-brasileira:

É uma alegria estar com vocês Aduino e Vik, vocês têm sido um baluarte na divulgação da cultura negra. É muito importante mesmo, e importante para mim, porque a gente tem uma vida difícil de promover, e através de vocês e desses movimentos que tenho participado, consegui o título maravilhoso, atualmente eu sou cidadão do Estado do Rio de Janeiro.

O preconceito que eu sofria no Sul, principalmente por me dedicar a cultura afro-brasileira, porque não aceitavam, porque diziam que podia comprometer os compradores, e aqui no Rio, graças a Deus, eu cheguei em boa hora. Comecei na Faculdade de Santa Úrsula e agora estou recebendo esse título, que pra mim, é uma consagração. Eu não tenho mais nada a dizer a não ser que vocês acompanhem a gente sempre, que é uma coisa eterna essa filmagem que vocês nos dão, e a gente fica muito cheio de alegria de saber que estão formando uma equipe que promoverá para todo sempre esse momento tão importante para a cultura negra¹²⁸.

Fanon, ao tratar da experiência antilhana, fala da importância da linguagem como instrumento de dominação: “o negro antilhano será tanto mais branco, isto é, se aproximará mais do homem verdadeiro, na medida em que adotar a língua francesa”¹²⁹. Assim, a aquisição dos códigos culturais de quem detém o poder hegemônico é apresentada como a única saída possível para que o sujeito negro – ou qualquer outro submetido à colonização – possa almejar acessar o status de humano. Tais questionamentos foram vividos por Djalma, como fica sugerido em “Poema do Hospício”, de sua autoria, publicado no Lampião da Esquina. **(Imagem 7):**

126 JUNG, Roberto Rossi. *Djalma do Alegrete*. Porto Alegre: Errejora Livros Editora, 2017.

127 AMARAL, 1988, p. 247, apud DOSSIN, 2008, p. 8.

128 ACERVO CULTNE. CULTNE DOC, *Djalma do Alegrete*. (7min38seg). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=xqYSijVRZPs&t=187s>>. Acesso em: 27 jan. 2020.

129 FANON, Frantz. *Pele negra, Máscaras brancas*. Trad. Renato da Silveira: EDUFBA, 2008, p. 34.



Imagem 7: *Lampião da Esquina*, 1979, n. 10, p. 8.

Djalma, em grande parte, se recusou a adotar todos os códigos da dominação. Tanto se recusou à heteronormatividade, como se recusou a embranquecer, pois até suas vestimentas tinham influências estéticas africanas. Com isso, criou um suporte de impedir o embranquecimento de sua arte. Na entrevista ao Acervo Cultne, ao justificar sua saída de seu estado de origem para o Rio de Janeiro, diz que precisou sair porque não aceitavam suas obras em exposições com o argumento de que comprometeriam os compradores por se dedicar a arte afro-brasileira.

Djalma possuía um forte senso de responsabilidade com seus semelhantes e, por meio disso, encontrava fortalecimento. Um exemplo é que ele ensinava desenho artístico para crianças e adolescentes na Vila Kennedy “Acho o trabalho maravilhoso. Foi junto a esta gente que encontrei apoio e amizade numa fase difícil”¹³⁰. Assim, vemos que com a dificuldade de acesso a certos espaços e com a falta de representatividades, ele foi estabelecendo seus próprios meios de fazer existir a si mesmo e à sua arte. O individual se constitui a partir do suporte encontrado no coletivo.

Por diversas vezes em entrevistas Djalma falou de sua negritude, e como se encontrava na marginalidade por causa dela, mas também como sua vida era direcionada orgulhosamente graças a ela: seu trabalho nas artes plásticas com representações afro-brasileiras, sua religião, seus projetos. Ao passo que o racismo era um inegável fator limitante, em suas narrativas, Djalma não privilegiava tanto as histórias ligadas à homofobia. Em alguma medida, é possível dizer que o racismo fosse vivido como um fator mais limitante no que toca o acesso aos

130 JORNAIS DE BAIRRO, O Globo, 06 de novembro de 1988, p. 35.

espaços almejado por ele. Afinal, não se pode mascarar a cor da pele, ainda que ele, pelas entrevistas, também fizesse questão de escancarar orgulhosamente sua sexualidade. Não intencionamos separar os dois pontos identitários, pois eles se interseccionam, fazendo com que a discriminação pela orientação sexual seja potencializada pelo racismo, e vice-versa. Mas não dá para deixar de notar o peso de um em relação outro a depender dos contextos em que as experiências são vividas. No ambiente de trabalho, por exemplo, Djalma era recusado em certas galerias por força do conteúdo, da estética negra de suas obras, que tratavam de expressões de religiões afro-brasileiras numa chave que não necessariamente agradaria os termos estabelecidos pelos compradores convencionais.

Djalma foi ao *Lampião da Esquina* dividir sua trajetória com os leitores nos termos em que fazia a leitura de sua trajetória, mesmo que o jornal mantivesse uma visão limitada do racismo. O periódico por várias vezes expressava um mal-estar diante do que entendia como radicalidade dos movimentos negros e seus militantes, apenas por falarem exaustivamente dos fatores limitantes da discriminação e da estrutura racial do país. Mesmo se tratando da elite intelectual homossexual do país, subversivos de esquerda, ainda assim, por vezes opinavam sobre como as pessoas e grupos negros deveriam lidar com suas lutas e com o racismo, e no que poderiam ou não dar enfoque. Assim, vemos que esses espaços homossexuais brancos nem sempre são lugares seguros de acolhimento para a gente negra LGBT.

Osmundo Pinho, ao falar da questão das masculinidades negras, lê o corpo negro como socialmente visto como um “corpo para o outro”¹³¹. Essas leituras sociais do corpo do homem negro são aplicadas ao meio LGBT. De tal sorte, o poder hegemônico assume diversas facetas: um homem gay branco, por mais que esteja em condição de subalternidade frente a um homem branco heterossexual, possui condições históricas para desfrutar vantagens sociais frente a um homem negro gay. Ou seja, também podemos falar em hegemonias homossexuais, e o reconhecimento dessa premissa é o primeiro passo para o enfrentamento.

Assim, a questão da solidão de Djalma foi muito marcante em sua vida. Em 1992 ele escreve: “Minha profunda carência afetiva me levou inúmeras vezes a bloqueios emocionais arrasadores. Por isso milhares de vezes eu quis morrer”¹³². E por solidão, ele não se restringia apenas a relacionamentos amorosos, mas também a amparo emocional, afetivo. Exemplo disso encontramos em uma de suas entrevistas, em 1963, em que narra um fato que não foi isolado: “Convidei ex-alunos meus de Porto Alegre para passarem um fim de semana em São

131 PINHO, Osmundo. *Qual é a identidade do homem negro*. Democracia viva, v. 22, p. 65, 2004.

132 JUNG, Roberto Rossi. *Djalma do Alegrete*. Porto Alegre: Errejora Livros Editora, 2017. p. 100.

Lourenço do Sul, onde eles foram homenageados com um coquetel num clube e eu, como sou de cor, tive que ficar aguardando na porta”¹³³.

Djalma foi um não conformista e ativista da valorização e resistência da cultura negra. Ao ter espaços negados, criou novos. É o que Fanon aponta como a recusa da aceitação dos lugares que lhes são postos, e essa reação se dá como forma de viver e sobreviver: “Serão desalienados pretos e brancos que se recusarão enclausurar-se na Torre substancializada do Passado. Por outro lado, para muitos outros pretos, a desalienação nascerá da recusa em aceitar a atualidade como definitiva”¹³⁴.

De tal sorte, se, por um lado, os estudos sobre trajetórias nos permitem promover o reconhecimento e a valorização da trajetória combativa de sujeitos como Djalma, por outro, não esqueçamos os danos causados por uma sociedade que marginaliza pessoas como ele, ainda que não os caracterizemos como marginal. Apesar de vir de uma família que pôde incentivá-lo a estudar, como o fez, Djalma, tal como vimos, viveu situações parecidas com uma outra figura que encontramos no *Lampião*: Monica Valeria. O abandono sofrido por esses dois indivíduos reais foi equivalente, ainda que fossem amparados por diferentes contextos. O racismo não vê classe social e nem prestígio.

133 *CORREIO DA MANHÃ*, edição 21566, 23 de julho de 1963, p. 9.

134 FANON, Frantz. *Pele negra, Máscaras brancas*. Trad. Renato da Silveira: EDUFBA, 2008.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo dessa pesquisa, fica evidente que as construções de identidades no que concerne a sexualidade, são diferentes em sujeitos racializados em termos subalternos. Ao pensarmos no emergente movimento LGBT em contexto ditatorial, presenciamos narrativas construídas a partir da visão de homens brancos que, por mais que cedessem espaços a pensadores negros para falarem das próprias questões, voltavam a reproduzir ideias que reforçavam racismos e deslegitimavam pautas debatidas em movimentos negros.

É difícil esperar que tais movimentos LGBT se preocupassem com a construção de identidades singulares a partir de sujeitos racializados ao convergir com questões de gênero e sexualidade, quando esses mesmos movimentos não abarcam, ao menos, as questões dos negros sem o recorte de sexualidade. Isso ainda reflete nos dias de hoje quando percebemos que movimentos LGBT operam em favor da branquitude e pautam suas lutas para abarcar somente essas pessoas, efetivamente, por mais que mantenham discursos emancipatórios.

Em documentário sobre a vida e morte de Marsha P Johnson, mulher trans e negra que foi assassinada em julho de 1992 em Nova Iorque, aos 46 anos de idade, após ter passado a vida se dedicando a tomada de direitos LGBT, fica clara a solidão dessas pessoas. Ao abordar casos parecidos de assassinato de pessoas negras trans, ainda no documentário dedicado a Marsha, o advogado e ativista Ted McGuire fala do abandono e falta de manifestações frente ao tribunal em que assassinatos estavam sendo julgados. Ele compara com a marcha pela legalização do casamento gay, onde, no mesmo lugar, as ruas seguiam lotadas e fala: “os privilegiados conseguiram o casamento gay e depois sumiram”¹³⁵.

Assim, percebemos que tais vilipêndios e falta de recortes resultam na falta de atenção midiática, legislativa e política, fazendo com que pessoas LGBT racializadas sejam marginalizadas, isoladas e, em última instância, exterminadas.

Por fim, percebemos a importância do resgate de histórias de pessoas negras que, por mais que a sociedade brasileira estruturalmente racista os tente silenciar, não sucumbiram. Aqui percebo a importância de ser uma pesquisadora negra LGBT dentro da universidade, e poder contribuir para uma historiografia mais consistente que abarque as trajetórias e resistências de sujeitos que aglomeram intersecções junto a raça, pois, como vimos, são grandes contribuintes para o enriquecimento da cultura brasileira, mas ainda é necessária mais visibilidade.

135 A morte e vida de Marsha P. Johnson. Direção: David France. Estados Unidos, 2017.

FONTES

Audiovisual

ACERVO CULTNE. CULTNE DOC, Djalma do Alegrete. (7min38seg). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=xqYSijVRZPs&t=187s>>. Acesso em: 27 jan. 2020.

A morte e vida de Marsha P. Johnson. Direção: David France. Estados Unidos, 2017.

A urgência da interseccionalidade. KimberléKrenshaw: TEDWomen, 2016. Disponível em: <https://www.ted.com/talks/kimberle_crenshaw_the_urgency_of_intersectionality?language=pt#t-1035612> Acesso em: 01 de fev 2020.

Impressos

ANGELOS, Eloy Dias dos. *Jornal do comércio*, edição de 25/04/2014.

BRASIL, *Comissão Nacional da Verdade*. Texto 7 – Ditadura e homossexualidades. In: Relatório: textos temáticos/ Comissão Nacional da Verdade. – Brasília: CNV, 2014. 416 p. – (Relatório da Comissão Nacional da Verdade; v.2). Disponível em: <<http://cnv.memoriasreveladas.gov.br/>>. Acesso em: 10. Out. 2019.

Carta para além dos muros. Direção: André Canto. Brasil, 2019.

Correio da Manhã, edição 21566, 23 de julho de 1963.

Correio da Manhã, edição 21566, 23 de julho de 1963.

Jornais de Bairro, O Globo, 06 de novembro de 1988.

Jornais de Bairro, O Globo, 06 de novembro de 1988.

Jornais de Bairro, matutina, 03 de agosto de 1984.

Jornal do Commercio, edição 199, 4 e 5 de setembro de 1983.

Lampião da Esquina, edição n. 00, abril de 1978.

Lampião da Esquina, edição n. 14, julho de 1979.

Lampião da Esquina, edição 15, agosto de 1979.

Lampião da Esquina, edição 17, outubro de 1979.

Lampião da Esquina, edição extra n. 1, dezembro de 1979.

Lampião da Esquina, edição n. 20, janeiro de 1980.

Lampião da Esquina, edição n. 28, setembro de 1980.

Lampião da Esquina, n. 1, maio/junho de 1978.

Lampião da Esquina, edição n. 28, 28 de setembro de 1980.

Lampião da Esquina, edição 7, dezembro de 1978.

Lampião da Esquina, edição n. 10, março de 1979.

Lampião da Esquina, edição n. 17, outubro de 1979.

Lampião da Esquina, edição n. 14, julho de 1979.

Lampião da Esquina, edição n. 18, novembro de 1979.

Lampião da Esquina, edição n. 19, dezembro de 1979.

Lampião da Esquina, edição n. 21, fevereiro de 1980.

Lampião da Esquina, edição n. 22, março de 1980.

Lampião da Esquina, edição n. 23, abril de 1980.

Lampião da Esquina, edição n. 24, maio de 1980.

Lampião da Esquina, edição n. 25, junho de 1980.

Lampião da Esquina, edição n. 31, dezembro de 1980.

Lampião da Esquina, edição 34, março de 1981.

UFPR TV. PERSONA- OSWALDO DE CAMARGO (44min31seg). 03/04/2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=A9X4ne3cBjc&t=916s>>. Acesso em 02 de fev de 2020.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. 11a ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- BRITO, Luciana. *Manda notícias de Salvador: a ocupação popular dos espaços e o direito à cidade*. Nexo jornal, 20 de jan de 2020. Disponível em:
<<https://www.nexojornal.com.br/colunistas/2020/Manda-not%C3%ADcias-de-Salvador-a-ocupa%C3%A7%C3%A3o-popular-dos-esp%C3%A7os-e-o-direito-%C3%A0-cidade>>
Acesso em 6 de fev de 2020.
- COELHO, Andréa. *Imprensa alternativa—Apogeu, queda e novos caminhos*. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro: Secretaria Especial de Comunicação Social, 2005.
- COLLINS, Patricia Hill. *Intersectionality's definitional dilemmas*. Annual review of sociology, v. 41, 2015.
- COLLINS, Patricia Hill. *Se perdeu na tradução? Feminismo negro, interseccionalidade e política emancipatória*. Parágrafo, v. 5, n. 1.
- COSTELLA, Antonio. *Lei de Imprensa*. Disponível em
<<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/lei-de-imprensa>>. Acesso em: 15. Out. 2019.
- CRENSHAW, Kimberle. *Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence against Women of Color (1994)*, 2005.
- DA SILVA, Gilberto Ferreira; DOS SANTOS, José António; DA CUNHA CARNEIRO, Luiz Carlos. *RS negro: cartografias sobre a produção do conhecimento*. Edipucrs, 2008.
- DOSSIN, Francielly Rocha. *Apontamentos acerca da presença do artista afro-descendente na história da arte brasileira*. In: 17º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas Panorama da Pesquisa em Artes Visuais, 2008, Florianópolis. PPGAV/UDESC, 2008. Disponível em:
<<http://www.anpap.org.br/anais/2008/artigos/024.pdf>>. Acesso em: 21 jan. 2020.
- FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- FANON, Frantz. *Pele negra, Máscaras brancas*. Trad. Renato da Silveira: EDUFBA, 2008.
- FRY, Peter. Introduzindo o racismo. O Globo, v. 21, 2003.
- GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos Alfredo. *Lugar de negro*. Editora Marco Zero, 1982.
- HOOKS, Bell. *The will to change: Men, masculinity, and love*. New York: Atria Books, 2004.

- JUNG, Roberto Rossi. *Djalma do Alegrete*. Porto Alegre: Errejora Livros Editora, 2017.
- LAPUENTE, Rafael Saraiva. *O jornal impresso como fonte de pesquisas: delineamentos metodológicos*. In: 10º Encontro da Rede Alfredo de Carvalho (ALCAR), Porto Alegre. 10o Encontro Nacional de História da Mídia (ALCAR), 2015.
- LUCA, Tania Regina de. *Fontes impressas: História dos, nos e por meio dos periódicos*. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes históricas*. 2a ed. 1a reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008.
- MACRAE, Edward. *A construção da igualdade: identidade sexual e política no Brasil da abertura*. In: *A construção da igualdade: identidade sexual e política no Brasil da abertura*. 1990.
- MUNANGA, Kabengele. "Arte afro-brasileira: o que é, afinal? = Afro-Brazilianart: what is it, after all?." In *Arte afro-brasileira*, 98- 111. São Paulo, Brazil: Associação Brasil 500 Anos Arte Visual: Fundação Bienal de São Paulo, 2000.
- PINHO, Osmundo. *A guerra dos mundos homossexuais- resistência e contra-hegemonias de raça e gênero. Homossexualidade: produção cultural, cidadania e saúde*, 2004.
- PINHO, Osmundo. *Qual é a identidade do homem negro*. Democracia viva, v. 22, 2004.
- PIRES, Thula Rafaela de Oliveira. *Estruturas intocadas: Racismo e ditadura no Rio de Janeiro*. Revista Direito e Práxis, v. 9, n. 2, 2018.
- WELZER-LANG, Daniel. *A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia*. Revista Estudos Feministas. Florianópolis, v. 9, no 2, p. 460-482, 2001.
- Silva, D. (1997). *Identidade afro-brasileira: abordagem do ensino da arte*. *Comunicação & Educação*, 44-49. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v0i10p44-49>>. Acesso em: 24 jan. 2020.